



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V- JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS-CCBSA
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MAIKO JHONATA DE ARÁUJO GOMES

**O PINKWASHING ISRAELENSE: Uma análise pós-estruturalista dos discursos dos
representantes oficiais do Estado de Israel (2009-2018)**

**JOÃO PESSOA
2018**

MAIKO JHONATA DE ARÁUJO GOMES

**O PINKWASHING ISRAELENSE: Uma análise pós-estruturalista dos discursos dos
representantes oficiais do Estado de Israel (2009-2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao curso de Graduação em Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Maielo
Silva.

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633p Gomes, Maiko Jhonata de Araújo.

O pinkwashing israelense [manuscrito] : uma análise pós-estruturalista dos discursos dos representantes oficiais do estado de Israel (2009-2018) / Maiko Jhonata de Araujo Gomes. - 2018.

67 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Ana Paula Maielo Silva ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Pinkwashing. 2. LGBT+. 3. Conflito Árabe-israelense. 4.
Análise de discursos. I. Título

21. ed. CDD 322

MAIKO JHONATA DE ARAÚJO GOMES

O PINKWASHING ISRAELENSE: UMA ANÁLISE PÓS-ESTRUTURALISTA DOS DISCURSOS DOS REPRESENTANTES OFICIAIS DO ESTADO DE ISRAEL (2009-2018).

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 21/11/2018.

Ana Paula Melo Silva

Ana Paula Melo Silva /UEPB
Orientador(a)

Juliana Dias Vieira

Juliana Dias Vieira /UEPB
Examinador(a)

Silvia Garcia Nogueira

Silvia Garcia Nogueira /UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

A entrega desse trabalho representa a conclusão de uma etapa muito importante em minha vida, representa a conclusão de um ciclo e o alcance de sonhos. Dessa forma, é preciso deixar claro que diversas pessoas estiveram presentes em minha vida durante essa jornada, seja possibilitando que eu seguisse nessa jornada ou seja simplesmente me apoiando.

Dessa maneira, preciso iniciar meus agradecimentos a Universidade Estadual da Paraíba, a instituição que me proporcionou essa graduação e a obtenção de conhecimentos e experiências inúmeras. Além disso, não posso deixar de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), programa este financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que me possibilitou iniciar as pesquisas referentes a este trabalho como um pesquisador bolsista. Dessa maneira, agradeço especialmente à Professora Ana Paula Maielo Silva, por ter sido uma ótima professora durante a minha graduação e a responsável por ter me orientado ao longo da produção deste trabalho, sendo assim, a conclusão deste trabalho só foi possível graças a ela.

Ademais, agradeço às pessoas mais importantes e significativas em minha vida, que é a minha família como um todo. Entretanto, gostaria de deixar meus agradecimentos especiais aos meus pais, Claudemar Gomes da Silva e Maritânia de Araújo Gomes, que sempre, desde as minhas memórias mais antigas, foram, e ainda são, pessoas guerreiras e trabalhadoras, que com muito esforço e suor possibilitaram que eu chegasse até aqui. Por isso gostaria de deixar claro minha gratidão infinita, pois muitas das minhas conquistas só foram alcançadas graças a vocês! Ao mencionar a minha família, gostaria de agradecer, também, aos meus familiares de Nova Floresta- Paraíba, que sempre me respeitaram, e, após eu ter vindo morar na Paraíba, me acolheram e me apoiaram nas diversas vezes que fui visitá-los.

Além de toda minha família, há uma imensidão de pessoas que mereço citar aqui. Assim, merece um destaque especial, minha mais que amiga, minha irmã, Ana Lúcia, que tem sido minha mais fiel amiga desde o Ensino Médio, vindo inclusive do Mato Grosso para a Paraíba apenas para me visitar por alguns dias. Obrigado por estar ao meu lado por todos esses anos, por ter me feito rir diversas vezes, ter me ouvido e consolado nos momentos difíceis, ter sido minha parceira de aventuras doidas e inesquecíveis e uma das minhas maiores apoiadoras. Muito obrigado por ser uma amiga tão incrível! Outra pessoa que tem sido uma ótima companheira e amiga desde o Ensino Médio, também, é a Bárbara Rech, que em pouco tempo de vivência conseguimos firmar laços tão fortes. Muito obrigado pela amizade e companheirismo.

Assim, desde a minha chegada na Paraíba, firmei ótimas amizades, sendo muitas delas dentro da própria universidade. Dessa maneira, gostaria de agradecer aos meus colegas de classe, aqueles que continuam no curso e até mesmo aqueles tiveram que sair. Minha graduação não seria a mesma sem vocês, que foram e continuam sendo parceiros estudos, vivências, aventuras e da vida. Meu muito obrigado a todos, em especial à Larissa, Emilly, Belinha, Ana Luisa, Mayara, Duda, Nertan, Bruna, Jarbely, Alyne, Rayssa, Heloísa, Ana Caroline, Lídia, Zé Luiz, Luzzanda e Ananda, assim como todos os outros não citados, mas que foram relevantes em suas maneiras.

Além dos meus colegas de classe, fiz diversos outros amigos na UEPB, não só aqueles em sala de aula. Meus agradecimentos a todos vocês que possibilitaram que minha vivência em João Pessoa fosse mais tranquila, leve e alegre, Lucas Lira, Analu, Cauê, Daniel, Estênio, Cauana, Igor, Amanda Brito, Marina, Mikaelle, Sabrina, Duda Peres, Ana Beatriz, Mayara, Mariana e diversos outros que mesmo não citados são significativos em minha vida.

A lista de amigos feitos em João Pessoa ainda não terminou! Assim, agradeço às amizades feitas ao longo do processo de vivência na cidade, àqueles que posso chamar de família hoje em dia, pois assim como uma família, vocês me acolheram, me ajudaram e me apoiaram nas mais diversas maneiras. Obrigado, Luis, Niely, Lívia, Marcelo e Matheus, vocês foram e continuam a ser muito importantes para mim.

Aos meus amigos e parceiros do Centro Acadêmico de Relações Internacionais Epitácio Pessoa, gestão Enfrente, composta por Monalisa, Alanna, Júlia, Mayara, Larissa, Ewerton e Ananda. Obrigado por me ensinarem tanto durante um ano, admiro cada um de vocês, são jovens incríveis e de muito potencial! Peço desculpas também pelos diversos desentendimentos ao longo da gestão e agradeço por serem tão pacientes comigo. Vocês são muito especiais para mim.

Não posso esquecer dos meus incríveis amigos do grupo “The Seven Wonders”, que mesmo espalhados por todo o Brasil permaneceram ao meu lado, desde o Ensino Médio, nos mais diversos momentos e situações da minha vida. Assim, obrigado por tudo, Dani, Alessy, Gustavo, Elon, Samy, Seven, Gabi, Daninha, Marcelo, Joy e Nilla.

Gostaria de agradecer também a todos os meus incríveis professores, aqueles que não se mostraram apenas como ótimos passadores de conhecimento, mas também como incríveis seres humanos. Meus agradecimentos especiais à minha orientadora, Agradecimentos especiais às Professoras Giuliana Dias Vieira e Silvia Garcia Nogueira por serem ótimas pessoas, professoras e por terem aceitado o meu convite para fazer parte da banca examinadora.

Enfim, reforço meus agradecimentos a todos os mencionados, o sentimento de gratidão por todos vocês é imenso! E minhas singelas desculpas à todos que não foram mencionados, mas que me consideram especial de alguma forma.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral fazer uma análise crítica dos discursos dos representantes oficiais de Israel de modo que seja encontrado em seus discursos a construção de imagens do Estado de Israel como sendo um Estado desenvolvido e cosmopolita, e dos árabes, mais precisamente, do Irã, Síria e aqueles vinculados ao ISIS, como sendo bárbaros, atrasados e violentos. Entretanto, é importante frisar que o que fica explícito nos discursos é o direcionamento para os árabes do Irã, Síria e aqueles vinculados ao ISIS, contudo, nota-se que o foco direto, de maneira implícita, são os palestinos, visto que há um interesse israelense em utilizar-se do pinkwashing para encobrir a ocupação dos Territórios Palestinos Ocupados. Os objetivos específicos são, a saber: (I) ilustrar a relevância da análise crítica de discursos em Relações Internacionais; (II) explicitar o pinkwashing adotado por Israel como lavagem de imagem dentro do Oriente Médio, e; (III) demonstrar as medidas adotadas pelo Estado de Israel, ao longo dos anos, que evidencie o pinkwashing. Portanto, a hipótese é que o Estado de Israel constrói sua imagem como o único Estado democrático do Oriente Médio utilizando-se do pinkwashing enquanto constrói e reforça a imagem do povo árabe e palestino com um perfil negativo. Foi escolhido o marco temporal de 2009 a 2018, visto que em 2009 Israel expande a sua campanha Brand Israel - lançada em 2005 com o propósito de ressignificar a imagem do país no Ocidente - para a comunidade LGBTQ+, através do lançamento de uma conferência em Tel Aviv para promover a cidade como sendo um relevante destino do turismo LGBTQ+ internacional. Enquanto que o fim, 2018, foi selecionado pelo simples fato de que é o ano em que este trabalho foi elaborado e o último discurso, que se adequa ao objetivo deste trabalho, foi encontrado. A pesquisa faz uso da abordagem pós-estruturalista em Relações Internacionais e utiliza-se como ferramenta de pesquisa a análise crítica de discursos de representantes oficiais do Estado de Israel.

Palavras-chave: Pinkwashing. LGBTQ+. Conflito Árabe-israelense. Análise de Discursos.

ABSTRACT

The present Undergraduate Final Work has as general objective to make a critical discourses analysis of the official representatives of Israel so as to find in their speeches the images construction of the State of Israel as being a developed and cosmopolitan State and of the arabs, more precisely, from Iran, Syria and those associated with the ISIS, as barbaric, backward and violent. However, it is important to emphasize that what is explicit in the speeches is the orientation to the arabs of Iran, Syria and those linked to the ISIS, however, it is noted that the direct focus, implicitly, are the palestinians, since there is a Israeli interest in using pinkwashing to cover up occupation of the Occupied Palestinian Territories. The specific objectives are: (I) to illustrate the relevance of the critical discourses analysis in International Relations; (II) to explicit the pinkwashing adopted by Israel as image washing within the Middle East, and; (III) demonstrate the measures taken by the State of Israel, over the years, to evidence the pinkwashing. So the hypothesis is that the State of Israel builds its image as the only democratic state in the Middle East by using pinkwashing while it builds and reinforces the image of the arab and palestinian people with a negative profile. The 2009-2008 time frame was chosen, since in 2009 Israel expanded its Brand Israel campaign - launched in 2005 with the aim of re-signifying the country's image in the West - for the LGBT+ community, by launching a conference in Tel Aviv to promote the city as a relevant destination for LGBT+ international tourism. While the end, 2018, was selected for the simple fact that it is the year in which this work was drawn up and the last speech, which fits the purpose of this work, was found. The research uses the poststructuralist approach in International Relations and uses as a research tool the critical discourses analysis of the official representatives of the State of Israel.

Keywords: Pinkwashing. LGBT +. Arab-Israeli conflict. Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo baseado no processo de ligação de Lene Hansen (2006).....	23
Figura 2: Modelo baseado no processo de ligação e diferenciação de Lene Hansen (2006).....	24
Figura 3: Análise de discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel. Adaptado de Lene Hansen (2006, p. 67).....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FDI	Forças de Defesa de Israel
ILGA	International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersexual Association
ISIS	Islamic State of Iraq and Syria
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais
NYC- QAIA	New York City Queers Against Israeli Apartheid
ONU	Organização das Nações Unidas
PQBDS	Palestinians Queers for Boycott, Divestment, and Sanctions
QUIT	Queers Undermining Israeli Terrorism
TPO	Territórios Palestinos Ocupados
UNSCOP	United Nations Special Committee on Palestine

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O PÓS ESTRUTURALISMO: SEUS IMPACTOS, RELEVÂNCIA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	16
1.1 As principais características em comum das abordagens pós-positivistas e suas críticas às abordagens tradicionais	16
1.2 O pós-estruturalismo	20
1.3 A origem do sujeito e a construção de identidades do “Eu” e do “Outro”	24
2 O PINKWASHING: SEU SURGIMENTO, USO E CRÍTICAS	29
2.1 As críticas ao pinkwashing, o surgimento do <i>pinkwatching</i> e sua relação com o homonacionalismo	34
3 A ANÁLISE DE DISCURSO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	39
3.1 A análise de discursos pós-estruturalista	41
3.2. Modelo de pesquisa e processos de ligação e diferenciação de Hansen (2006) na análise de discursos	46
3.3 Análise dos discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62

INTRODUÇÃO

O conflito entre o Estado de Israel e palestinos é motivo de muitos questionamentos no Sistema Internacional e o foco de diversas análises e estudos acadêmicos, principalmente no campo de estudos das Relações Internacionais. Entretanto, nota-se que há uma tendência de analisá-lo sob perspectivas tradicionais das Relações Internacionais, pelo fato de ser um conflito direto entre duas partes, fazendo uso de artifícios beligerantes e com perdas em ambos lados.

Indo de encontro a essa tendência teórica, o presente trabalho busca analisar este conflito através das lentes do pós-estruturalismo, uma abordagem caracterizada como pós-positivista e crítica às abordagens tradicionais. O pós-estruturalismo foi escolhido, pois permite a análise e inserção de conhecimentos pouco comuns nas Relações Internacionais, como por exemplo, o pinkwashing, um termo basilar para este trabalho. O pinkwashing diz respeito à um conjunto de mecanismos e ações promovidos pelo Estado de Israel, com o intuito de fomentar uma imagem do Estado como sendo pró-LGBT+, na verdade o único do Oriente Médio. Dessa forma, ao transmitir esse perfil tolerante e inclusivo para com a comunidade LGBT+, o Estado de Israel acaba reforçando uma imagem do Estado como sendo cosmopolita, desenvolvido e democrático. A problemática neste mecanismo, como expõe os ativistas anti-pinkwashing, é que o verdadeiro intuito do Estado de Israel é direcionar as atenções do Sistema Internacional, tirando o foco para as ocupações e ataques nos Territórios Palestinos Ocupados (TPO) e orientar as atenções para esse perfil pró-LGBT+ do Estado.

Além disso, vale destacar que o pós-estruturalismo foi escolhido como a fundamentação teórica deste trabalho pois esse conjunto de abordagens utiliza-se de outras metodologias, não tão comuns nas Relações Internacionais, entre elas, a análise crítica de discursos, também caracterizada como análise pós-estruturalista de discursos ou análise desconstrutivista de discursos. Dado o exposto, o trabalho faz uso da metodologia qualitativa exploratória e utiliza-se como ferramenta de pesquisa a análise crítica de discursos de representantes oficiais do Estado de Israel.

Neste contexto, nota-se que o pinkwashing utilizado por Israel não se limita às ações, eventos e medidas favoráveis à comunidade LGBT+, mas também encontra-se presente nos discursos de representantes oficiais do Estado, visto que em diversas situações, buscaram acrescentar, de alguma forma, a pauta LGBT+, com o intuito de reforçar o perfil tolerante e pluralista do Estado. A problemática nessa questão é o fato de, enquanto inserem a pauta LGBT+ em seus discursos, ao mesmo tempo, eles reforçam características negativas ao povo

árabe, pelo fato de não apresentarem um perfil tão tolerante para com a comunidade LGBTQ+. Dessa forma, há uma construção de imagens, fortalecida através das falas dos representantes oficiais do Estado de Israel, em que atribuem características positivas à Israel, como democrático, cosmopolita, tolerante, pró-LGBT+, civilizado e moderno, enquanto que atribui características negativas aos árabes, como não democráticos, intolerantes, primitivos, bárbaros, violentos e LGBTQfóbicos.

Contudo, é importante expor que o presente trabalho reconhece que há, de fato, homofobia, penalizações a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e outras práticas que atingem negativamente a comunidade LGBTQ+ nos Territórios Palestinos Ocupados. Entretanto, a existência desses fatores não necessariamente caracteriza os palestinos como violentos e atrasados, como Israel tenta, repetidamente, fazer. Assim sendo, a opressão sofrida pela comunidade LGBTQ+ nos TPO não justifica as diversas opressões sofridas pelos palestinos, por parte de Israel.

Vale destacar que os discursos referem-se aos árabes de uma maneira geral, não direcionando diretamente o discurso aos palestinos, mas, como aponta os ativistas anti-pinkwashing, os palestinos árabes representam o grupo mais atingido desse mecanismo, visto que o principal objetivo do pinkwashing utilizado por Israel é encobrir a ocupação feita nos Territórios Palestinos Ocupados. É importante salientar ainda que o Estado de Israel estrategicamente refere-se aos palestinos como “árabes”, com o intuito de não reconhecer e legitimar a identidade palestina e, conseqüentemente, a existência de um Estado palestino.

Portanto, o objetivo central deste trabalho é fazer uma análise crítica dos discursos dos representantes oficiais de Israel, mais precisamente, do Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu, do Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Ron Dermer e do Parlamentar Amir Ohana, de modo que seja encontrado em seus discursos essa construção de imagens do Estado de Israel e dos árabes e palestinos. Além do mais, possui os objetivos específicos: (I) ilustrar a relevância da análise crítica de discursos nas Relações Internacionais; (II) explicitar o pinkwashing adotado por Israel como lavagem de imagem dentro do Oriente Médio, e; (III) demonstrar as medidas adotadas pelo Estado de Israel, ao longo dos anos, que evidencie o pinkwashing. Portanto, a premissa deste trabalho é que o Estado de Israel constrói sua imagem como o único Estado democrático do Oriente Médio utilizando-se do pinkwashing enquanto constrói e reforça a imagem do povo árabe e palestino com um perfil negativo. Nota-se que essa premissa não é original deste trabalho, sendo também encontrada, de modo semelhante, em outros trabalhos, como em Puar (2013), Salem (2012) e Belmont (2016).

De modo a facilitar a escolha dos discursos, foi escolhido o marco temporal de 2009 a 2018, visto que em 2009, Israel expande a sua campanha Brand Israel, lançada em 2005 com o propósito de ressignificar a imagem do país no Ocidente, para a comunidade LGBTQ+, através do lançamento de uma conferência em Tel Aviv para promover a cidade como sendo um relevante destino do turismo LGBTQ+ internacional. Enquanto que o fim, 2018, foi selecionado pelo simples fato de que é o ano em que este trabalho foi elaborado e o último discurso, que se adequa ao objetivo deste trabalho, foi encontrado.

Em face do exposto, para que tal objetivo seja bem explicitado, o presente trabalho divide-se em três seções, além desta introdução, de modo que cada seção se subdivide em outros subtópicos, para melhor estruturar o trabalho.

A primeira parte busca, primeiramente, expor as principais distinções entre as abordagens positivistas e as pós-positivistas, além das críticas da segunda para a primeira. Logo a seguir haverá um aprofundamento nas abordagens pós-estruturalistas, mais especificamente, visto que o pós-estruturalismo representa a base teórica deste trabalho. Por fim, para melhor compreender o processo de construção de imagens, o último tópico abordará a compreensão pós-estruturalista para a construção de identidades, do “eu” e do “outro”. Essa primeira parte baseia-se, principalmente, nos trabalhos de Devetak (2005), George (1994), Campbell (1992; 2013) e Smith (1996; 2013).

Na segunda parte, inicialmente, ocorre a definição do que é o pinkwashing, como tal conceito surgiu e como ele é aplicado pelo Estado de Israel, logo a seguir, há a exposição das críticas e posicionamentos contrários a este mecanismo, sendo este movimento anti-pinkwashing caracterizado como pinkwatching. Para tal, os trabalhos de Puar (2011; 2012; 2013), Mikdashi (2012), Salem (2012) e Ritchie (2014) foram fundamentais.

Por fim, a terceira parte abordará, inicialmente, as principais características da análise de discursos pós-estruturalista, utilizando-se, principalmente, como referencial teórico os trabalhos de Mendes (2008) e Hansen (2006). Logo a seguir será exposto o modelo de pesquisa de Lene Hansen (2006), assim como a sua ideia dos processos de ligação e diferenciação, que foram utilizados como inspiração para a elaboração dos processos de ligação e diferenciação deste trabalho. Por fim, e de maior relevância, ocorrerá a análise dos discursos dos representantes oficiais de Israel, acima listados, no recorte temporal também acima exposto.

1 O PÓS ESTRUTURALISMO: SEUS IMPACTOS, RELEVÂNCIA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

1.1 As principais características em comum das abordagens pós-positivistas e suas críticas às abordagens tradicionais

Para dar início a esse trabalho, é importante destacar que adota-se a metodologia da análise crítica de discurso para analisar como o Estado de Israel utiliza-se do pinkwashing em um processo de construção de imagens. Para tanto, neste primeiro momento, é necessário fazer uma breve contextualização sobre a abordagem pós-estruturalista, seu uso no campo das Relações Internacionais e a importância da mesma para fundamentar a escolha da análise crítica dos discursos que são objeto deste trabalho, já que esta metodologia respalda-se em uma abordagem pró-estruturalista.

Por muito tempo, dentro do campo das Relações Internacionais, as chamadas teorias tradicionais representavam as abordagens dominantes na área. Segundo Cox (1981), as teorias tradicionais também podem ser caracterizadas como teorias de resolução de problema¹ e são marcadas por duas características principais: a metodologia positivista e a tendência de legitimar as estruturas políticas e sociais dominantes. Essas teorias acreditam que metodologia positivista representa a única base legítima de conhecimento. Além disso, as teorias de resolução de problema não buscam questionar a ordem presente, mas tem o efeito de legitimá-la e reificá-la. Seu objetivo geral é fazer com que a ordem existente funcione efetivamente.

Vale salientar que, de acordo com Devetak (2005), existem duas características principais da metodologia positivista, primeiro, os positivistas assumem que fatos e valores podem ser separados; segundo, que é possível separar sujeito e objeto. Isso resulta não só no ponto de vista de que só existe um mundo objetivo independentemente da consciência humana, mas também que esse conhecimento objetivo da realidade social é possível na medida em que os valores são expurgados da análise. Em suma, as concepções defendidas pelas teorias tradicionais tendem a trabalhar em favor da estabilização das estruturas dominantes da ordem mundial e suas conseqüentes desigualdades de poder e riqueza. Dessa forma, as teorias tradicionais tendem a operar favoravelmente às prioridades ideológicas prevaletentes (DEVETAK, 2005, p. 141- 142).

¹ As teorias tradicionais das Relações Internacionais, também são definidas como teorias de resolução de problema, teorias positivistas e teorias racionalistas, dependendo do autor em questão. Assim sendo, as teorias assim caracterizadas são, principalmente, o neorealismo e o neoliberalismo.

Apesar das abordagens positivistas representarem as abordagens dominantes na disciplina de Relações Internacionais, a disciplina passou por alguns denominados grandes debates teóricos. Alguns autores afirmam que se passaram três grandes debates, enquanto que outros afirmam que foram quatro. Segundo Lapid (1989, p. 235-239 apud SMITH, 1996, p. 12-13) se passaram três grandes debates, sendo o primeiro entre idealismo e realismo nos anos 1930 e 1940, o segundo entre abordagens tradicionais e científicas para estudar a disciplina na década de 1960 e o terceiro entre positivistas e pós-positivistas² nos anos 1980. Entretanto, como já mencionado, há autores que caracterizam aquele último debate como sendo o quarto, e não o terceiro, grande debate das Relações Internacionais. De acordo com Smith (2013), o quarto debate nasce de uma sensação de insatisfação com a noção reconfortante de um debate interparadigmático³ (SMITH, 2013, p. 05).

Smith (2013) complementa ao afirmar que as diferenças centrais entre os relatos racionalistas e reflexivistas são principalmente de caráter epistemológico e metodológico, e apenas secundariamente de caráter ontológico (sobre como o mundo). Ou seja, o quarto debate diz respeito, de modo sucinto, como sabemos o que afirmamos saber (SMITH, 2013, p. 05). No bojo deste quarto (ou terceiro) debate estão, portanto, as abordagens críticas ao positivismo e, por extensão, às teorias tradicionais das Relações Internacionais. Estas abordagens críticas ganham relevância na disciplina de Relações Internacionais no final do século XX⁴. Assim, segundo Smith, a única característica em comum entre as novas abordagens críticas é a rejeição dos pressupostos daquilo caracterizado como positivismo (SMITH, 1996, p. 11). Devetak corrobora com Smith ao afirmar que a principal característica em comum entre os interlocutores das teorias críticas é que os estudos no campo das Relações Internacionais deveriam ser orientados por uma política emancipatória, visto que as teorias críticas buscam compreender os traços centrais da sociedade contemporânea, ao compreender seu desenvolvimento histórico e social, além de traçarem contradições no presente que

² Assim como as teorias tradicionais, as teorias que posicionam-se em oposição às teorias tradicionais, também podem ser definidas por diferentes termos, dependendo do autor. Lapid (1989) trata tais teorias como teorias pós-positivistas, Smith as trata como teorias críticas, já Keohane (1988) se refere a elas como reflexivistas (SMITH, 1996, p. 12). Keohane caracteriza tais abordagens como sendo reflexivistas devido ao fato de rejeitarem a abordagem clássica positivista das Relações Internacionais, enfatizando, em vez disso, a reflexividade e a natureza não-neutra da explicação política e social (KURKI, WIGHT, 2013, p. 24).

³ Ao contrário de Lapid, Keohane (1988) descreve tal debate como sendo entre abordagens racionalistas, como o neorealismo e o neoliberalismo, de um lado, e abordagens reflexivistas, como o feminismo e o pós-estruturalismo, no outro.

⁴ É necessário salientar que há as teorias caracterizadas como teorias críticas, no plural, que dizem respeito à um conjunto de teorias com algumas características em comum, sendo a principal delas o posicionamento crítico em relação às teorias positivistas dominantes. Já a Teoria Crítica, no singular, diz respeito à uma abordagem crítica associada à um corpo distinto teórico, conhecido como Escola de Frankfurt.

permitam abrir a possibilidade de transcender a sociedade contemporânea, suas patologias e formas de dominação já construídas (DEVETAK, 2005, p. 137-139).

Para Devetak (2005), as teorias críticas buscam compreender como as estruturas sociais são estruturadas de modo que resulte em certos abusos, dessa forma, procura formas de superar tais abusos. Pelo fato das teorias críticas terem como foco de análise a sociedade, elas devem ter em seu escopo de análise uma reflexão da teoria em si. E por este motivo, elas devem ser auto-reflexivas; devem incluir um relato de sua própria gênese e aplicação na sociedade. Ao chamar a atenção para a relação entre conhecimento e sociedade, tão freqüentemente excluída da análise teórica predominante, as teorias críticas reconhecem a natureza política das reivindicações de conhecimento (DEVETAK, 2005, p. 138-139).

Como mencionado acima, as teorias críticas também podem ser definidas como pós-positivistas. Ao questionar as teorias dominantes os pós-positivistas inspiraram-se em outras áreas das Ciências Humanas. Uma das áreas que influenciou os estudos pós-positivistas foi a Sociologia; desta, os pós-positivistas incorporaram a crença de que a realidade sobre o mundo não representa um fato dado e que essa realidade não independe do observador para existir, como acreditam os positivistas (ALCÂNTARA, 2014, p. 20).

Além da Sociologia, como exposto por Barros (2006), os pós-positivistas absorveram influências do campo das Linguagens, com grandes influências do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), em que reconhecem que a linguagem representa um fator fundamental para a busca pelo conhecimento, visto que representa um papel dual, servindo tanto como ferramenta para abordar os temas estudados quanto ser co-construtora da realidade. A linguagem desempenha um papel chave pois a realidade é compreendida como o resultado de um complexo processo de construção de relações entre as “coisas”, seus objetivos e significados sociais. Visto que as coisas não existem a “priori”, como uma realidade pré-concebida, passando a receber um significado e valor quando passam a relacionar entre si e a linguagem passa a lhes imprimir um significado (BARROS, 2006, p. 47).

Através da crítica às abordagens dominantes, os pós-positivistas conseguem romper com as amarras impostas pelas teorias dominantes e passam a trazer à tona outros atores, que não o Estado, e questões a serem abordadas pelas Relações Internacionais. A ruptura não foi só da epistemologia, mas também da metodologia e ontologia, visto que as três são indissociáveis (ALCÂNTARA, 2014, p. 20). Em concordância com Alcântara (2014), para Barros (2006) as críticas às premissas epistemológicas dizem respeito ao fato dos positivistas

utilizarem uma epistemologia restrita ao conhecimento empírico do mundo. Além disso, a metodologia utilizada pelos positivistas também é criticada, pois os pós-positivistas não acreditam em uma unidade da ciência pelo método, pois acreditam que as ciências sociais não apresentam as mesmas regularidades das ciências naturais, visto que o mundo social encontra-se em constante construção. Por fim, as premissas ontológicas também são criticadas, pois os limites ontológicos das análises pós-positivistas ultrapassam a realidade das teorias tradicionais (BARROS, 2006, p. 50-51).

Assim sendo, segundo Smith (2013), as abordagens pós-positivistas reconhecem que as teorias fazem parte do mundo que elas estão explicando e, por conta disso, as teorias nunca podem ser separadas do mundo, representando uma parte intrínseca do mesmo. Portanto, de acordo com o autor, pelo fato das teorias fazerem suposições sobre o mundo e fazem parte da constituição do mundo, nunca pode haver um posicionamento, ou uma visão, vindo do nada. Assim sendo, todas as teorias fazem suposições sobre o mundo, tanto ontológicas (que características necessitam de explicação) quanto epistemológicas (o que é levado em consideração como explicação). Ao afirmar que as teorias constituem o mundo, Smith (2013) quer dizer que todas as teorias estão localizadas no espaço, no tempo, na cultura e na história e, por conta disso, não é possível separá-las do mundo, como o positivismo exige (SMITH, 2013, p. 9).

Entretanto, vale destacar que as abordagens pós-positivistas não trabalham com a mesma epistemologia, podendo variar de acordo com a abordagem pós-positivista em questão. E é, por conta disso, que, conforme Smith (1996), não há perspectiva de que elas constituam uma única alternativa em relação aos positivistas. Assim, embora as abordagens pós-positivistas tenham como característica em comum o posicionamento contrário às teorias positivistas, elas podem adotar epistemologias bem distintas, de modo que enquanto uma abordagem trabalha dentro da mesma epistemologia da teoria tradicional, outras operam em epistemologias distintas umas das outras (SMITH, 1996, p. 35)⁵.

Dessa forma, nota-se que as abordagens caracterizadas como pós-positivistas, também podem ser caracterizadas como abordagens críticas ou reflexivistas, dependendo autor. Portanto, é possível afirmar que tais abordagens não representam um pacote estático de características comuns a todas elas, mas, ainda assim, possuem características em comum,

⁵ De um modo geral, dentro das abordagens pós-positivistas, há cinco alternativas na filosofia do conhecimento que caracterizam-se, aparentemente, como sendo as mais promissoras. Sendo elas: (a) realismo científico. (b) hermenêutica; (c) Teoria Crítica (no sentido da Escola de Frankfurt); (d) epistemologia do ponto de vista feminista e; (e) epistemologia pós-modernista (SMITH, 1996, p. 25). Sendo esta última mencionada a de maior relevância para este trabalho.

sendo a de maior relevância para este trabalho, o fato de se posicionarem contrárias às epistemologias, ontologias e metodologias adotadas pelas abordagens dominantes. Além disso, segundo Devetak (2005), as abordagens pós-positivistas buscam, também, compreender como as estruturas sociais são estruturadas de modo que resulte em certos abusos, com a finalidade de superá-los. Dito isso, o tópico a seguir abordará o pós-estruturalismo, suas principais características e algumas diferentes concepções acerca desse conjunto de abordagens.

1.2 O pós-estruturalismo

Como já exposto, as abordagens caracterizadas como sendo críticas ou pós-positivistas englobam uma diversidade de abordagens, dentre elas o pós-estruturalismo. O pós-estruturalismo, segundo Mendes (2008), geralmente é localizado dentro da corrente teórica que apresenta um perfil mais abrangente definida como pós-modernidade.

É de extrema necessidade salientar que dentro da disciplina de Relações Internacionais, as abordagens caracterizadas como pós-estruturalistas e as caracterizadas como pós-modernas não possuem uma delimitação clara, de modo que alguns teóricos as caracterizam como sinônimos, enquanto que outros as caracterizam como diferentes. Devetak (2005, p. 161) caracteriza as abordagens pós-modernas, pós-estruturalistas e desconstrutivistas como sendo todas pós-modernas. Já Campbell (2013, p. 31), reconhece uma distinção entre as abordagens pós-modernas e pós-estruturalistas, de modo que a "pós-modernidade" diz respeito a uma formação cultural, econômica, social e política dentro da modernidade que resulta de mudanças nas relações tempo-espço, enquanto que o pós-estruturalismo é uma das análises interpretativas que possui como foco a produção e a implicação crítica dessas transformações. Nesta linha, há uma compreensão do pós-estruturalismo como sendo um conjunto de abordagens dentro de uma corrente maior caracterizada como pós-modernismo, como exposto por Mendes (2008, p. 120). Assim sendo, para os devidos fins desse trabalho, será utilizada a compreensão de Campbell e Mendes.

A pós-modernidade, por sua vez, representa uma versão mais radical de um movimento caracterizado por rupturas com o passado, além da ascensão de um novo paradigma tanto nas artes quanto na vida de modo geral. O "modernismo" diz respeito tanto ao estilo cultural quanto o estilo de vida predominante do período da década de 1890 à eclosão da Segunda Guerra Mundial, incorporando as ideias e valores do mundo artístico e

cultural, como da pintura, escultura, música, arquitetura, design e literatura daquele período. Além de englobar também os modos de vida social, político, sociológico, sexual e familiar, principalmente na Europa e Estados Unidos. Por conta disso, o modernismo também fazia parte do colonialismo e do imperialismo, de modo a afetar diretamente os modos de vida e organização social das comunidades não ocidentais. Já o "pós-modernismo" surgiu logo após esse período, durante o período após a Segunda Guerra Mundial, representando e interpretando a cultura indeterminada, pluralista e cada vez mais globalizada desse período. Assim como o modernismo teve seus impactos nas expressões culturais e artísticas, o 'pós-modernismo' refere-se a formas culturais inspiradas pelas condições de tempo e espaço acelerados e hiperconsumismo, muito comuns na atual era globalizada (CAMPBELL, 2013, p. 230-231).

Dado o exposto, de acordo com as abordagens pós-estruturalistas, o conhecimento do mundo somente é possível como perspectivas fragmentadas que possuem um papel dual, de explicar e participar como elementos formadores do que é considerado como real. Dessa forma, de acordo com o autor, o pós-estruturalismo transcende os limites acadêmicos e, portanto, pode ser utilizado de maneira mais abrangente para designar qualquer aspecto da vida humana (MENDES 2008, p. 120).

Segundo Devetak (2005), dentro dos relatos científicos sociais ortodoxos, o conhecimento deve ser imune à influência do poder. Nesta acepção, os estudos no campo das Relações Internacionais, devem ser feitos de modo que haja a suspensão de valores, interesses e relações de poder na busca do conhecimento objetivo e, por este motivo, o conhecimento não pode receber influências externas e ser baseado na razão pura. Kant corrobora com isso, ao afirmar que "a posse do poder corrompe inevitavelmente o julgamento livre da razão". Na perspectiva pós-estruturalista, Foucault argumenta que poder e conhecimento se apoiam mutuamente; eles implicam diretamente um ao outro. A tarefa, portanto, é ver como as operações de poder se encaixam com as matrizes sociais e políticas mais amplas do mundo moderno (DEVETAK, 2005, p. 162).

Como exposto por Smith (1996), a principal implicação feita por Foucault para a epistemologia vem de sua preocupação com as condições historicamente específicas em que o conhecimento é gerado. Assim sendo, a preocupação central de Foucault era sobre a relação entre conhecimento e prática, isto é, como poder e conhecimento relacionam-se, de modo que esse relacionamento é tão entrelaçado que ele se referia a ele como poder/conhecimento, onde cada um está sempre envolvido na operação do outro (SMITH, 1996, p. 29-30). Pelo fato do poder estar envolvido em todos os sistemas de conhecimento, certas noções, como razão ou

verdade, são produtos de circunstâncias históricas específicas. Destarte, a epistemologia é dependente das estruturas de poder subjacentes e não representa a peça central da investigação filosófica. Por fim, para Foucault, a verdade representa uma ferramenta de resistência ao poder, de modo que a preocupação da epistemologia com os critérios para determinar a verdade, é substituída por uma percepção da verdade como ferramenta (SMITH, 1996, p. 30).

Para Der Derian (1989 apud DEVETAK, 2005, p. 167-168), o pós-estruturalismo tem como preocupação expor a interação textual que encontra-se por dentro da política do poder, pois os efeitos da textualidade são intrínsecos à política de poder. Assim, segundo Devetak (2005), como qualquer realidade social, a realidade da política de poder é sempre constituída por textualidade e modos de representação inscritos. Assim sendo, a textualidade é um tema pós-moderno comum, mas vale destacar que ao mencionar o termo “texto”, Derrida (1974 apud DEVETAK, 2005, p. 168) não está referindo-se apenas à literatura e ao campo das ideias, mas, também, está insinuando que o mundo "real" é constituído como um texto, e, por conta disso, não é possível referir-se ao mundo como sendo "real", somente sendo possível em uma experiência interpretativa do mundo. Para o pós-estruturalismo, a "interação textual" diz respeito à relação mutuamente constitutiva entre diferentes interpretações na representação e constituição do mundo (DEVETAK, 2005, p. 167-168).

De acordo com Jim George (1994), as principais influências do pós-estruturalismo são a análise do discurso, a genealogia, o desconstrucionismo e a textualidade, e é nesse contexto que os pós-estruturalistas têm procurado questionar, criticar e reconceitualizar a "realidade" do campo das Relações Internacionais. Compactando com Derrida e Der Derian, para George (1994), a principal peculiaridade das abordagens pós-estruturalistas é o fato de ler o mundo social como um texto. A partir de uma perspectiva pós-estruturalista, as tarefas críticas são explicitar a conexão intrínseca existente entre os processos textuais e sociais e retratar, em contextos específicos, como essa conexão implica na maneira de pensar e agir dos indivíduos no mundo contemporâneo. Desta forma, o pós-estruturalismo foca novamente na análise contemporânea sobre o conexão entre poder e conhecimento e, também, sobre teoria como prática (GEORGE, 1994, p. 191).

Consequentemente, conforme George (1994), nota-se o surgimento de uma maneira alternativa de compreender e articular a realidade, uma voltada para a intertextualidade e prática sociolinguística, em invés de uma compreensão voltada para a convenção literária monológica, objetivismo positivista e fundacionalismo. Assim sendo, o pós-estruturalismo problematiza o fato do modernismo comprometer-se com um mundo de sujeitos e objetos dados e todos os outros dados dicotomizados, reformulando questões básicas da compreensão

modernista ao ter como foco não o sujeito soberano (por exemplo, o Estado independente) ou o objeto (por exemplo, mundo/texto independente), mas as práticas históricas, culturais e linguísticas nas quais ocorrem a construção de sujeitos e objetos (e teoria e prática, fatos e valores) (GEORGE, 1994, p. 191-192).

Em contrapartida, é necessário salientar que, segundo Devetak (2005), de uma perspectiva pós-estruturalista, a oposição supostamente clara entre dois termos de uma binaridade não é clara nem oposta. A diferença entre os dois conceitos ou termos opostos é sempre acompanhada por uma diferença velada dentro de cada termo, visto que o termo não é puro, completo em si mesmo, ou completamente a parte do outro. Isso implica que nenhuma totalidade, seja ela conceitual ou social, está totalmente presente e devidamente estabelecida (DEVETAK, 2005, p. 168-169).

Vale salientar, entretanto, que tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo encontram-se preocupados em analisar as diversas estruturas sociais que dão sentido ao nosso cotidiano (CAMPBELL, 2013, p. 231). Contudo, indo de encontro ao estruturalismo, o pós-estruturalismo chama atenção para o fato de que toda estrutura depende de processos de oposição, em que a compreensão de uma estrutura depende de uma dicotomia, onde é posto a compressão sobre a estrutura em um lado da dicotomia e uma oposição à tal estrutura do outro lado da dicotomia, dependendo sempre, de lógicas de poder, como exposto acima.

As abordagens pós-estruturalistas, conforme Florencio (2015), manifestam-se como um movimento de desconstrução do conhecimento e pressupostos históricos. Ao aplicar o método genealógico, visa-se demonstrar o caráter das conceitualizações, destacando modificações linguísticas, semânticas e estruturais ao longo do tempo. Dessa forma, a compreensão sobre um objeto pode mudar de acordo com o contexto histórico (FLORENCIO, 2015, p. 264-265). Vale a pena reiterar que o exercício de desconstrução procura elucidar que nem a Tradição nem a disciplina das Relações Internacionais são construídas sobre um terreno de certeza político-econômico, muito menos de “fatos” histórico, mas sim sobre um terreno altamente contestável de textualidade e representação (GEORGE, 1994, p. 196).

Dentro dessa ótica, é necessário trazer à tona a genealogia, que diz respeito à um estilo de pensamento histórico que expõe e registra o significado das relações entre poder e conhecimento. Assim sendo, Roland Bleiker (2000 apud DEVETAK, 2005, p. 163) explica que as genealogias salientam não só o processo pelo qual construímos origens e atribuímos sentido a representações particulares que já ocorreram no passado, mas também as representações responsáveis por guiar nossas vidas sociais, além de estabelecerem claramente

os limites para as opções políticas e sociais (BLEIKER, 2000, p. 25 apud DEVETAK, 2005, p. 163). A genealogia historiciza aquelas coisas que são excluídas ou marginalizadas na visão da escrita e produção da história (DEVETAK, 2005, p. 163).

De certa maneira, segundo Devetak (2005), a genealogia preocupa-se em escrever histórias que posicionam-se contrárias às histórias dominantes, além de exporem os processos de exclusão e cobertura que possibilitam a ideia de que a história é unificada e que se desdobra com um começo, meio e fim claros. Dessa forma, para o autor, a história, de acordo com a perspectiva genealógica, encena um jogo interminável de dominações que se repetem ao longo da história. Dessa maneira, a tarefa do genealogista é desvendar a história com o intuito de expor as várias trajetórias que foram promovidas ou fechadas na constituição de sujeitos, objetos, campos de ação e domínios de conhecimento. Vale salientar que, de acordo com uma perspectiva genealógica, não há uma única história, mas muitas histórias entrelaçadas que variam seus efeitos de ritmo, tempo e poder-conhecimento (DEVETAK, 2005, p. 163).

Em suma, o que compreendemos como “pós-estruturalismo” diz respeito à um conjunto de abordagens que negam a necessidade de criar um único conceito de pós-estruturalismo, na verdade, criticam a tendência científica de criar conceitos sólidos e que devem ser aceitos objetivamente. Vale destacar também, que uma das principais características das abordagens pós-estruturalistas é o fato de, como exposto por George (1994), focarem na relação entre poder e conhecimento e, também, sobre teoria como prática. Dessa forma, as abordagens pós-estruturalistas reconhecem que todo processo de produção de conhecimento envolve relações de poder. Dessa maneira, o tópico a seguir abordará como o pós-estruturalismo analisa a origem do sujeito e os processos de construção de identidades, dependentes de estruturas binários, que colocam em lados opostos, o “Eu” e o “Outro”.

1.3 A origem do sujeito e a construção de identidades do “Eu” e do “Outro”

Levinas (1999) entende que a origem do sujeito é sua própria sujeição ao Outro, sendo esta precedente à consciência, identidade e liberdade. Dessa forma, o sujeito não é capaz de decidir colocar-se nessa posição. Seu ser é posto em questão pela existência prévia do Outro. Assim, há uma responsabilidade inescapável que é anterior à própria consciência do Eu e à sua capacidade de comunicação. Nesse sentido, não é possível que o Eu opte por não fazer

parte de uma relação com o Outro, visto que a responsabilidade pelo Outro é uma “não-escolha” singular (ALVES, 1994, p. 33-56).

De acordo com Alves (1994), é a qualidade de inferioridade do Outro inerente à hierarquização logocêntrica entre Eu e Outro que permite rotulá-lo, reduzi-lo como sendo um mero objeto, a um status de coisa, constituindo uma relação Eu-Isso em detrimento de uma relação Eu-Tu. Desumanizar o outro é o que sustenta discursos e práticas de exclusão e aniquilação (ALVES, 1994, p. 30-37). Dentro dessa lógica, a teoria pós-estruturalista é capaz de explicar essa construção de imagem simultânea. No caso deste trabalho, por exemplo, ao reforçar a imagem do Estado de Israel somente com atributos positivos e dos árabes somente com atributos negativos, ocorre essa desumanização dos árabes, reduzindo-os a coisas e não a seres humanos o que, conseqüentemente, faz com que o Estado de Israel não considere justa a causa palestina e, justifique suas práticas violentas contra os árabes.

Para entender como as identidades são formadas em determinados discursos, deve-se atentar para como, em relações dicotômicas, os elementos de alguns atores são apresentados em contraposição aos elementos de um “Outro”, como, por exemplo: dentro/fora, interior/exterior, bem/mal, civil/bárbaro, etc. (BUZAN; HANSEN, 2009, p. 218, apud LEITE, 2012, p. 198). Dito isso, as análises pós-estruturalistas têm como objetivo a desconstrução de estruturas dicotômicas percebidas em um determinado discurso ou ação, com o intuito de desestabilizar aquilo compreendido como “verdades” pré-concebidas e localizar instabilidades neste discurso ou ação (MUTIMER, 2010, apud LEITE, 2012, p. 198).

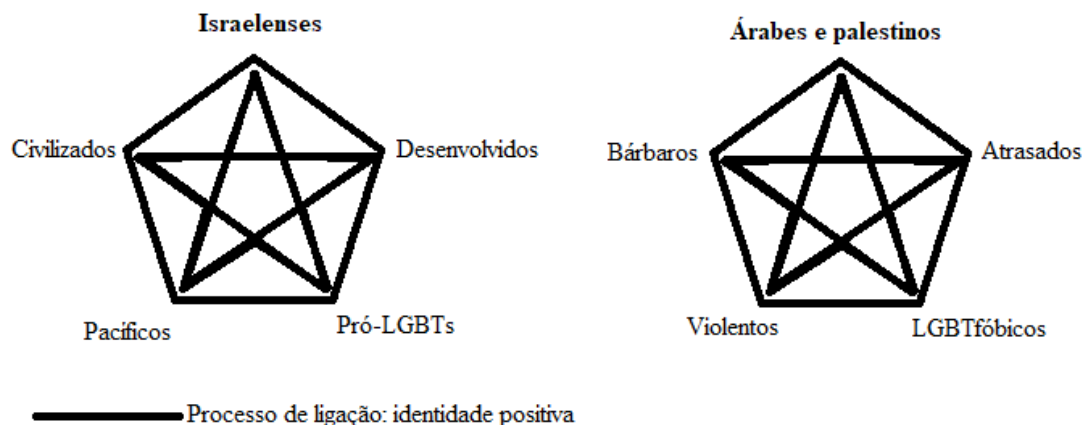
Campbell (1992) corrobora com o exposto, ao afirmar que a identidade de um ator depende do “Outro”, visto que é construída em contraponto pela diferenciação entre os dois. Neste contexto, o modo que a vida social é interpretada sempre resulta no “Outro” como marginalizado. Portanto, conforme o autor, a relação entre o “Eu” e o “Outro” não só é responsável pela construção das identidades presentes na relação, mas também gera, como consequência, o significado e a identidade, que surgem da imposição de uma interpretação, em vez de serem os produtos da descoberta de um domínio exclusivo com sua própria identidade pré-estabelecida (CAMPBELL, 1992, p. 24).

Hansen (2006) propõe, inicialmente, a construção de uma estrutura que possibilite entender como são estruturados os processos que ligam cada uma das identidades, ou seja, um processo de ligação (do “Eu” e do “Outro”). Após a conclusão desse processo, o próximo processo diz respeito à diferenciação, em que as identidades são postas em contraposto à outra, com o intuito de expor como as construções discursivas se relacionam. Em seu livro,

Hansen utiliza-se das identidades da mulher e do homem como exemplos, em que a "mulher" é definida através de um processo positivo de ligação emocional, maternal, confiante e simples, mas esse processo de ligação é ao mesmo tempo, sobreposta ao processo de ligação do homem, sendo essa sobreposição caracterizada como um processo negativo de diferenciação. Apesar de ser possível analisar os processos separados analiticamente, é importante salientar que ambos processos constituem o processo de construção de identidades e são executados paralelamente (HANSEN, 2006, p. 17).

Levando em consideração o modelo exposto por Hansen (2006, p. 17), é possível construir o modelo a seguir, substituindo os termos utilizados por Hansen para o foco do trabalho, que é a construção de imagens dos israelenses e árabes. Dessa forma, o processo de ligação de israelenses e árabes seria o exposto a seguir, na figura 1.

Figura 1- Modelo baseado no processo de ligação de Lene Hansen (2006).



No modelo do processo de ligação aqui apresentado, baseado no modelo apresentado por Hansen, há a apresentação da identidade dos árabes com características que contrapõem-se à da identidade dos israelenses. Hansen complementa a passagem acima ao afirmar que,

Ver a identidade construída através de processos de ligação e diferenciação mostra a possibilidade de destabilização: a ligação entre alguns dos "sinais positivos" pode se tornar instável; ou um termo de valor negativo de um discurso pode ser construído como positivo dentro de outro discurso, fazendo a clara atribuição de valor inferior ou superior a sinais mais complicados (HANSEN, 2006, p. 18, tradução nossa⁶).

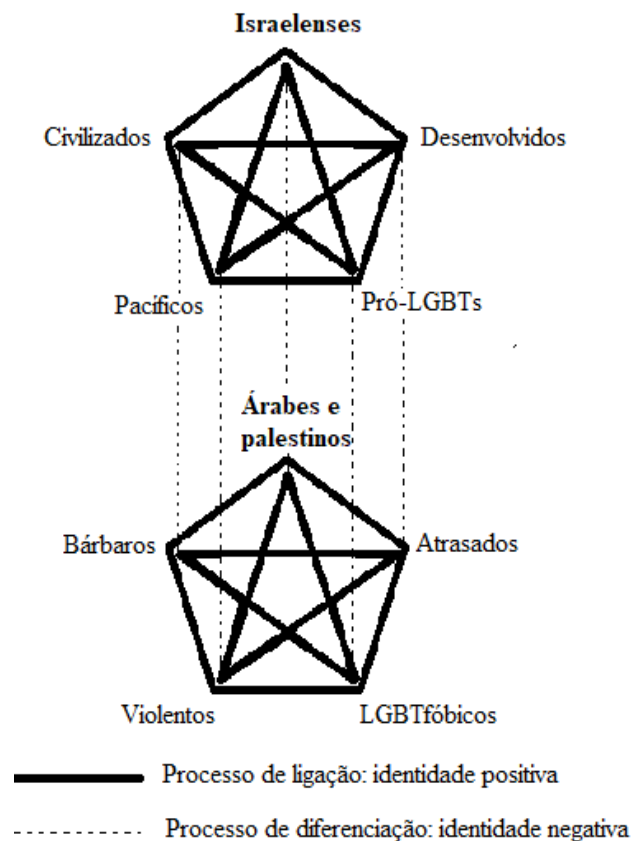
Entretanto, as identidades apresentadas por Hansen, não evidenciam as possíveis inconsistências das relações identitárias em um discurso, visto que ao analisar as identidades individualmente elas apenas remontam o quadro de cada um dos atores; dito isso, fica

⁶Seeing identity as built through processes of linking and differentiation shows the possibility for destabilization: the link between some of the 'positive signs' might become unstable; or a negatively valued term of one discourse might be constructed as positive within another discourse, making the clear attribution of inferior or superior value to signs more complicated.

evidente a necessidade do processo de diferenciação (LEITE, 2012, p. 202-203). Hansen (2006) e Campbell (1992) apresentam ideias parecidas para o processo de diferenciação, para Campbell, para ter uma ameaça, é necessário que haja a delimitação de fronteiras da comunidade que está ameaçada. Nessa lógica, a noção de que "nós" somos e a noção do que "nós" tememos são intrínsecas. Ou seja, o espaço social de dentro/fora ajuda a constituir um espaço moral de superior/inferior, que pode ser caracterizado em uma grande variedade de termos que possibilitem as figurações de superior/inferior (CAMPBELL, 1992, p. 85).

Portanto, segundo Campbell (1992), a identidade é mais do que algo que tem seu significado originado apenas por estar posicionado em oposição à diferença, sendo assim, identidade é uma condição muito mais complexa, com profundidade, multicamadas, texturas e dimensões. Por conta disso, a função da diferença é fundamental na lógica da identidade, visto que sugere que é possível considerar todas as características, traços ou distinções, que são compreendidas como diferenças, como sendo desiguais em seus efeitos identitários. Isso também sugere que algumas das disposições que são caracterizadas sob a categoria de "diferença" são indispensáveis para a construção do campo discursivo sobre o qual a dicotomia identidade/diferença se constrói (CAMPBELL, 1992, p. 86).

Figura 2- Modelo baseado no processo de ligação e diferenciação de Lene Hansen (2006).



Na figura 2 é possível observar como as identidades não são apenas construídas, mas são também sobrepostas de forma que uma (a dos israelenses) assume uma posição de superioridade, com características que se fossem analisadas individualmente, sem uma comparação com a identidade do “Outro”, apenas representaria um processo identitário separado.

Vale destacar que, para os estudos pós-estruturalistas, o discurso e as identidades estão relacionados, pois representam um conjunto de fatores não só ideacionais, mas também materiais. Portanto, os discursos políticos estão associados tanto à produção quanto à reprodução de subjetividades e identidades particulares em detrimento de outras identidades, caracterizadas como excluídas (HANSEN, 2006, apud, DANTAS; LEITE, 2015, p. 170).

Tendo em vista os aspectos observados, a abordagem pós-estruturalista foi a escolhida como fundamentação teórica deste trabalho, pois o pós-estruturalismo permite uma maior abrangência de estudos dentro do campo das Relações Internacionais, incorporando temáticas antes escanteadas, como a relevância dos processos identitários dentro das Relações Internacionais, e dando destaque para a desconstrução do conhecimento e pressupostos históricos antes compreendidos como questões concretas, como verdades absolutas. Assim sendo, o pós-estruturalismo busca escrever novas histórias que posicionam-se contrárias às histórias dominantes, além de exporem os processos de exclusão e dar voz àqueles dito como excluídos ou marginalizados. Por conta disso, o pós-estruturalismo configura-se como a melhor opção para esse trabalho, pois possibilita uma análise crítica de uma faceta marginalizada, o pinkwashing, ao que tange o conflito entre Israel e árabes, além de possibilitar uma compreensão crítica da forma como o Estado israelense, através do pinkwashing, constrói sua identidade e, conseqüentemente, a dos árabes.

Para proceder com esta análise e fundamentar os modelos acima apresentados, será feita, no tópico a seguir, primeiramente, a exposição do que seria o pinkwashing, sendo este um conceito chave para esse trabalho, onde e como esse conceito surgiu, como Israel utiliza-se do mesmo a seu favor e as críticas direcionadas ao uso desse mecanismo por Israel.

2 O PINKWASHING: SEU SURGIMENTO, USO E CRÍTICAS

“Israel não está ‘promovendo direitos gays’. Está, na verdade, usando a liberdade relativa concedida aos gays (judeus israelenses) como uma ferramenta de relações públicas. Pinkwashing não é sobre direitos gays, mas sim um meio para justificar a ocupação e colonização contínua da terra palestina”⁷ (PINKWATCHING ISRAEL, 2012, tradução nossa).

De início, é necessário introduzir a definição de pinkwashing, como surgiu, como é aplicado e se há alguma contra resposta a tal conceito.

Inicialmente, o termo pinkwashing fora concebido por um grupo de ativistas do câncer de mama, o Breast Cancer Action, nos Estados Unidos, durante a década de 1990, que criticava o marketing das corporações que promoviam uma imagem de preocupação com o câncer de mama, enquanto lucravam com a doença (SCHULMAN, 2011, apud RITCHIE, 2015, p. 618). O pinkwashing, nessa ótica, diz respeito a empresas que constroem uma imagem positiva de si como agentes engajados na luta contra o câncer de mama, mas que, paradoxalmente, produzem produtos químicos ou processos que podem contribuir para o aumento dos índices da doença (WIKE, 2012, p. 2).

As principais empresas de cosméticos a adotarem o pinkwashing foram a Avon, a Revlon e a Estée Lauder, ao promoverem produtos envoltos com laços cor-de-rosa, mesmo utilizando de produtos químicos que são conhecidos por serem cancerígenos (WIKE, 2012, p. 4). Assim, o grupo ativista em questão lutava contra a alta comercialização destes laços ou produtos com o símbolo estampado (símbolo da luta e prevenção ao câncer de mama). Mais precisamente, em 2002, o grupo lançou um projeto chamado “Think Before You Pink” (Pense, Antes de Tornar-se Rosa), com o intuito de trazer à tona os indivíduos e empresas que faziam uso do pinkwashing (BREAST CANCER CONSORTIUM, 2017).

É importante salientar que o termo pinkwashing é inspirado no termo greenwashing, que diz respeito a informações disseminadas por uma organização ou empresa com o intuito de apresentar uma imagem de engajamento na proteção do meio ambiente (OXFORD LIVING DICTIONARIES). O termo tem um sentido crítico e tornou-se popular na década de 1990, por desvelar a tentativa, por parte de algumas empresas, de apresentar uma imagem supostamente positiva de preocupação com meio ambiente, e, por extensão, por denunciar a forma como estas empresas estavam enganando os consumidores em relação aos benefícios ambientais de seus produtos (PAGOTTO, 2013, p. 44)

⁷Israel is not “promoting gay rights”. It is rather using the relative freedom accorded to (Jewish Israeli) gays as a public relations tool. Pinkwashing is not about gay rights at all, but rather a means to justify the continued occupation and colonial settling of Palestinian land.

O termo foi então, como exposto por Salem (2012), apropriado por ativistas LGBT+⁸, com vistas a denunciar como Estados se utilizam de uma série de medidas pró-LGBTs supostamente progressistas a fim de demonizar outros Estados ou comunidades que não coadunam com esta pretensa liberdade para a comunidade LGBTs. Desta forma, para Salem (2012), esse mecanismo de construção de imagem tem sido adotado por países ocidentais repetidamente, para construir sua imagem como sendo superior ou avançado porque ele apoia os direitos LGBT+, enquanto que automaticamente constrói uma imagem negativa do país que não apoia a causa LGBT+ como sendo atrasado. O pinkwashing é também utilizado pelos Estados para encobrir e reduzir atenção de violações dos direitos humanos. Assim, um Estado envolve-se em pinkwashing quando seus motivos reais são camuflados no discurso pró-LGBT+ (SALEM, 2012, p. 1). De acordo com Puar (2011, p. 6), quando essa imagem de simpatizante para com a causa LGBT+ é construída por um Estado, ele passa a ser lido como desenvolvido, cosmopolita, moderno, de primeiro mundo, como fazendo parte do norte global e adotando um regime democrático.

O termo “pinkwashing”, ganhou alta popularidade após um editorial de circulação internacional da New York Times em que a autora Sarah Schulman definiu pinkwashing como sendo uma estratégia deliberada de corrigir violações contínuas aos direitos humanos dos palestinos, atrás de uma imagem de modernidade expressa através da vida gay em Israel (SCHULMAN, 2011, apud RITCHIE, 2014, p. 618).

Desta forma, segundo Salem (2012), o Estado de Israel tem sido o mais ávido Estado a utilizar essa técnica, devido a sua tentativa insistente de desviar a atenção da sua ocupação violenta dos Territórios Palestinos Ocupados (TPO). Além disso, Israel apresenta-se como sendo o único “refúgio gay” no Oriente Médio altamente homofóbico (SALEM, 2012, p. 2). A problemática não está somente na promoção dos direitos LGBT+ pelo Estado de Israel, mas contra-se também em outros aspectos como o fato de reforçar a lógica do isolamento de identidades queers que fujam do padrão da normatividade, enquanto faz certos corpos e identidades (judeus israelenses) serem aceitáveis e outros corpos e identidades inaceitáveis (palestinos e árabes) (PINKWATCHING ISRAEL, 2012).

⁸ Vale destacar que não há uma sigla universalmente aceita, sendo assim, não há um uso mandatário, variando de de acordo com o indivíduo/ movimento social/ país/ região. Recentemente, foi lançada uma versão caracterizada como “LGBTQQICAPF2K+”, sigla utilizada para referenciar todas as identidades de gênero e orientações sexuais que não seguem o padrão cissexual-heterossexual. Incluindo: gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais, pessoas queer, assexuais, interssexuais, assexuados, polisssexuais, panssexuais, etc. Engloba também as pessoas que são simpatizantes e apoiam o movimento. Para os devidos fins deste trabalho, optou-se por utilizar-se da versão caracterizada como “LGBT+”, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis e o símbolo “+” caracterizando toda uma imensidão de identidades de gênero e orientações sexuais.

De acordo com Belmont (2016), em 2005, Israel lançou uma campanha publicitária chamada *Brand Israel* com o apoio de um conjunto de firmas de marketing estadunidenses, para mudar a imagem de Israel, visto que, após uma pesquisa feita pela empresa Young & Rubicam, constatou-se que os jovens tinham uma imagem negativa do Estado de Israel, geralmente atrelando-o a guerras. Além disso, a campanha fora lançada apenas alguns meses após ter surgido uma chamada para a campanha de Boicotes, Desinvestimentos e Sanções (*Boycott, Divestment and Sanctions*) que tinha o propósito de boicotar empresas e produtos, seja israelenses ou internacionais, que lucrassem através das violações de direitos palestinos (BELMONT, 2016, p. 30-31).

A campanha israelense *Brand Israel*, lançada no contexto acima exposto, conforme Belmont (2016), não funciona sozinha, tendo o apoio de diversas organizações, como a *American Israel Public Action Committee* e a *Israel21c*, que são as responsáveis por produzir conteúdo direcionado a eventos acadêmicos e culturais. Apesar de, inicialmente, não ter o público LGBTQ+ como seu foco de ação, em 2009 a campanha se diversifica e a organização *International Gay and Lesbian Travel Association* lançam uma conferência em Tel Aviv para promover a cidade como sendo um relevante destino do turismo LGBTQ+ internacional. Ainda no mesmo ano, o Ministério de Relações Exteriores, mandou uma delegação, patrocinada pela Embaixada de Israel na Dinamarca, para competir nos jogos olímpicos gays (World Outgames) que aconteceriam em Copenhague (BELMONT, 2016, p. 30-33).

Em seguida, em 2010, o Departamento de Turismo de Tel Aviv, junto da organização LGBTQ+ *Aguda*⁹ e do Ministério de Turismo deu início a campanha chamada *Tel Aviv Gay Vibe*, para promover à comunidade LGBTQ+ da América do Norte e Europa o turismo gay para Tel Aviv (HARTAL, 2018, p. 10)

Na esteira destas campanhas, Israel apresenta uma realidade em que ele é, supostamente, o único país livre de homofobia na região e que os Territórios Palestinos Ocupados, em contraste, representam automaticamente um lugar violento e perigoso para a população LGBTQ+ (SALEM, 2012, p. 2). Essa lavagem de imagem não só favorece como os outros países passam a enxergar Israel, mas também levanta a afirmação de que a causa palestina é indigna e ilegítima, pois os palestinos são homofóbicos (SALEM, 2012, p. 3).

⁹ A Aguda é uma organização LGBTQ+ que luta por causas como: casamento de mesmo sexo em Israel, direito de adoção, sub-rogação e paternidade, luta pela não discriminação de doação de sangue por homens gays ou bissexuais, visto que são vistos como inaptos a doar, e ativismo contra homofobia. Webiste oficial da organização: <<https://www.lgbt.org.il/english>>.

Outro episódio significativo dentro desta ótica do pinkwashing foi a participação do ex-Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Michael Oren no evento LGBT+ “Equality Forum”, em 2012. Tal evento ocorre anualmente na Filadélfia, Estados Unidos, e é considerado um dos maiores do país. A edição de 2012 chamou muito a atenção dos ativistas anti-pinkwashing, pois a organização do evento divulgou sua programação com a chamada de Israel como sendo a “nação em destaque” (featured nation) daquela edição. Além de ter feito presença no evento como o orador principal, Michael Oren ficou conhecido por seu posicionamento favorável aos crimes de guerra de Israel, além disso, mantinha relações próximas com políticos israelenses de direita, dentre eles, o Ministro John Hagee, conhecido por seu posicionamento extremamente homofóbico (EQUALITY FORUM, 2012; AVERY, 2012).

Ao longo de quatro décadas, o Estado de Israel tem adotado uma série de medidas legais favoráveis a comunidade LGBT+, além de ter desenvolvido uma rede de auto-ajuda de organizações sociopolíticas e lançado eventos de orgulho LGBT+ nas principais cidades do país (HARTAL, 2018, p. 7).

É importante registrar que, segundo Kama (2011), após o fim do controle britânico, definido no documento final da UNSCOP¹⁰, o Estado de Israel manteve a lei anti-sodomia britânica, ou seja, qualquer homem que mantivesse algum tipo de relação sexual com outro homem seria penalizado com dez anos de prisão, ou seja, os homossexuais eram automaticamente caracterizados como criminosos. Consequentemente, esse grupo minoritário foi invisibilizado e marginalizado (KAMA, 2011, p. 3). Finalmente, somente em março de 1988, a lei foi revogada e relações homossexuais consentidas foram descriminalizadas. Quatro anos depois, o aspecto “orientação sexual” é acrescentado à Lei de Igualdade de Direitos no Local de Trabalho (*Law of Equal Rights at the Workplace*), portanto, a partir de 1992, um

¹⁰ Em 1922, a Liga das Nações instaura, em sua carta, um sistema de mandatos, em que as comunidades que pertenciam ao Império Otomano deveriam ser administradas por um país desenvolvido, até que sua existência como nação independente pudesse ser reconhecida. Sendo assim, em 1922, a Liga das Nações outorga ao Reino Unido mandato sobre a Palestina. O mandato durou até 1947, quando ocorre a Comissão Especial das Nações Unidas para a Palestina (UNSCOP), tendo como tema principal a divisão do território em um Estado árabe e outro judeu. Em novembro do mesmo ano, ficou-se decidido, pela maioria dos votos, que a Palestina deveria ser dividida em um Estado árabe e outro judeu, ambos independentes, além da internacionalização de Jerusalém após o período de transição de dois anos. O plano de partilha dividiu o território em oito partes: três para o Estado judeu (Israel), três para o Estado árabe (Palestina), um território que serviria como enclave árabe em território judeu e a última parte seria Jerusalém, sob um regime internacional especial. O Reino Unido deveria retirar-se até agosto de 1948 e o território ficaria sob a administração temporária da ONU até outubro do mesmo ano, tempo limite para a transferência de poder para os novos Estados (GRESH, 2002, p. 13; GOMES, 2016, p. 128; GOMES, 2001, p. 82-93).

indivíduo não poderia sofrer nenhum tipo de discriminação por conta de sua orientação sexual em seu local de trabalho (KAMA, 2011, p. 7).

Outra importante medida adotada por Israel foi a abolição, em junho de 1993, da então prática discriminatória das Forças de Defesa de Israel (Israel Defence Forces), que considerava soldados gays como mentalmente perturbados e os direcionavam à um tratamento psiquiátrico (KAMA, 2011, p. 7). Outras medidas relevantes foram, a saber: em 2004, casais do mesmo sexo passaram a ter o direito de usufruir dos benefícios de herança integral aplicáveis até então somente a casais heterossexuais; em 2006, diversos casais do mesmo sexo, casados no exterior, foram registrados como parte da população israelense casada; em 2008, casais do mesmo sexo passaram a ter o direito de adotar crianças que não tenham vínculo biológico (KAMA, 2011, p. 22-23).

Entretanto, os Acordos de Oslo de 1993¹¹ começaram a restringir rigidamente a presença de associações de trabalhadores palestinos em Israel, tanto os sistemas de vigilância existentes quanto os postos de controle de segurança foram multiplicados, a visibilidade e mobilidade dos palestinos que pudessem entrar em contato com judeus israelenses foram reduzidas, e a força de trabalho palestina em Israel foi delimitada e, em decorrência disto, uma segregação entre israelenses e palestinos foi reforçada pelos Acordos de Oslo (PUAR, 2011, p. 3).

Neste aspecto, seria completamente inviável que um casal LGBT pudesse manter um relacionamento a distância, sendo um deles proveniente da Faixa de Gaza e o outro de Israel, pois teriam que passar por rígidos postos de controle e outras medidas limitadoras, tornando incompatível a celebração da liberdade LGBT+, quando, na verdade, não há nem mesmo a celebração da liberdade de ir e vir (BELMONT, 2016, p. 35).

Dado o exposto, é importante destacar aqui que o presente trabalho reconhece que há, de fato, LGBTfobia nos Territórios palestinos Ocupados e não desconsidera as diversas medidas e leis que atingem negativamente a comunidade LGBT+. Assim, de acordo com o relatório “Homofobia do Estado” de 2012, elaborado por Lucas Itaborahy, através da

¹¹ Os Acordos de Oslo foram assinados em 1993, depois de uma série de encontros em Oslo (capital da Noruega), entre Israel, Estados Unidos e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), onde buscavam conjuntamente: (I) esforços para a realização da paz entre os dois povos; (II) o término dos conflitos; (III) a abertura das negociações sobre os territórios ocupados; (IV) a retirada de Israel do Sul do Líbano, e; (V) a questão do status da cidade de Jerusalém. Dois anos após ocorre a assinatura do Acordo de Oslo 2, em Taba, Egito, por Israel e OLP, com mediação do presidente estadunidense Bill Clinton (KURBAN, 2017, p. 50).

Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos (ILGA¹²), em Gaza, atos sexuais entre homens é penalizado em até 10 anos de prisão, mas a mesma medida não ocorre na Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Além disso, na Cisjordânia, a idade de consentimento igual para relações heterossexuais e homossexuais é a mesma e indefinido em Gaza (ITABORAHY, p. 15-55). Entretanto, é necessário reforçar que o fato de haver homofobia e medidas punitivas nos TPO, isso não faz dos palestinos bárbaros e atrasados, como sugere Israel. Abusalim (2018) reforça esse ponto ao afirmar que ser LGBTQ+ nos TPO é difícil e perigoso, mas expõe também que a vida nos TPO não é difícil apenas para a comunidade LGBTQ+, mas também para todos os palestinos, principalmente em Gaza, por causa da miséria infligida pelo cerco e ataques militares contínuos feitos por Israel, que tornaram Gaza quase imprópria para habitação humana (ABUSALIM, 2018). Dessa forma, o fato dos TPO não adotar um perfil tão inclusivo e tolerante para com a comunidade LGBTQ+ não torna justificável as diversas opressões e barbáries cometidas por Israel para com os palestinos.

Portanto, como fica evidente, o Estado de Israel adota diversas medidas pró-LGBTQ+ com o intuito de desenhar sua imagem como sendo um Estado democrático, cosmopolita e desenvolvido, com a finalidade de orientar o modo que o Sistema Internacional o observa, fazendo com que as diversas infrações de direitos humanos, principalmente as relacionadas às invasões dos Territórios Palestinos Ocupados não sejam levadas em consideração, sendo esse processo caracterizado como *pinkwashing*. Dessa maneira, nota-se que apesar de haver LGBTQfobia nos TPO e diversas medidas pró-LGBTQ+ em Israel, isso não torna aceitável a construção de imagens propostas por Israel, utilizando-se do *pinkwashing*. Em resposta ao *pinkwashing* adotado por Israel, surgiram grupos de ativistas LGBTQ+ de origem palestina e/ou árabe que posicionam-se contrários a tais medidas e com o intuito de monitorar tais atividades, sendo assim, o tópico a seguir abordará como esses grupos posicionam-se contrários ao *pinkwashing*, quais os principais grupos e suas principais demandas.

2.1 As críticas ao *pinkwashing*, o surgimento do *pinkwatching* e sua relação com o homonacionalismo

Em resposta às limitações expostas acima, os grupos de militância LGBTQ+ palestina e/ou árabe começaram a se opor a essas medidas adotadas pelo Estado de Israel, pois, para

¹² Sigla em inglês para: International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersexual Association.

esses grupos, enquanto existir racismo e segregação do Estado de Israel para com os povos árabes, não faz sentido algum celebrar a igualdade de direitos para a comunidade LGBT+ (BELMONT, 2016, p. 24).

Neste contexto, surge a resistência palestina queer para denunciar o *pinkwashing*, monitorar as atividades israelenses que promovem esta prática (esse monitoramento recebe o nome de *pinkwatching*) e desenvolver ações de boicote e enfrentamento às atividades relacionadas a campanha israelense (BELMONT, 2016, p. 36). Alguns grupos queer anti-pinkwashing relevantes são: o Queers Palestinos em prol do Boicote, Desinvestimento e Sanções (PQBDS¹³), o *Queers Undermining Israeli Terrorism* (QUIT) e o Queers de Nova Iorque Contra o Apartheid Israelense (NYC-QAIA¹⁴).

Conforme Ritchie (2014), o pinkwatching, termo criado por ativistas queer palestinos, surge, portanto, com o intuito de criar um movimento global que sirva para promover chamadas de empoderamento LGBT+ contra o pinkwashing feito por Israel. Ademais, os ativistas queer anti-racistas que residem em cidades norte americanas e européias também se utilizam do pinkwatching como um grito de guerra (RITCHIE, 2014, p. 618)¹⁵.

De acordo com Schulman (2011 apud RITCHIE, 2014), pinkwashing é uma manifestação concreta de um fenômeno amplo, designado como “homonacionalismo” pela autora Jasbir Puar, que pode ser definido como uma tendência entre os homens gays brancos de privilegiar suas identidades raciais e religiosas (SCHULMAN, 2011, apud RITCHIE, 2014, p. 618). Homonacionalismo, pode, também ser definido como uma combinação de nacionalidade e normatividade. Dessa forma, de acordo com Duggan (2002 apud HARTAL, 2018, p. 4), a nacionalidade é o modo de pertença ao Estado-nação e normatividade, em sua especificidade, é como a prática de assimilação LGBT é informada por narrativas de consumismo e domesticidade, sinalizando a política sexual neoliberal e sua prática por indivíduos LGBTs.

Ainda de acordo com Hartal (2018), o homonacionalismo representa, portanto, um processo binário de inclusão e exclusão. Enquanto alguns grupos específicos são considerados como tendo um comportamento “correto” e “normal”, outros grupos, de nacionalidades, raças

¹³ Sigla em inglês para: Palestinian Queers for Boycott, Divestment, and Sanctions.

¹⁴ Sigla em inglês para: NYC Queers Against Israeli Apartheid

¹⁵ Deve-se observar que existem aqueles que criticam o pinkwatching, de modo que argumentam que o uso desse mecanismo para expor a natureza ideológica das imagens de Israel como gay-friendly e os Territórios Palestinos como homofóbicos indica uma tendência preocupante de anti-semitismo entre os ativistas radicais gays de países europeus e americanos.

ou religiões diferentes, são distanciados da esfera pública e considerados perversos, fora dos padrões “corretos” representados pelo outro grupo. Além disso, subgrupos LGBT+ que recebem direitos iguais ao adotar a ideologia hegemônica imposta, fortalecem a pertença legítima dos indivíduos LGBT+ à nação em questão. Em contrapartida, ao expandir os limites da nação, e incluir grupos LGBT+ dentro dela, o Estado passa a ser retratado como tolerante, liberal e progressista, mas, ao mesmo tempo, marcando outros Estados, que não seguem essa medida, como intolerantes, antidemocráticos e não liberais (HARTAL, 2018, p. 4).

Dessa forma, de acordo com Puar (2013), homonacionalismo é uma categoria analítica implantada para entender e historicizar como e por que uma nação ter o status de *gay-friendly* tornou-se desejável em primeiro lugar. Puar (2013) argumenta que, por isto, é preciso analisar como, na modernidade, o homonacionalismo pode ser resistido e ressignificado, mas não excluído, pois somos todos condicionados por e através dele (PUAR, 2013, p. 1).

De acordo com Puar e Mikdashi (2012), sem o homonacionalismo, nem o pinkwashing e nem o pinkwatching seriam elegíveis, visto que a qualidade da soberania de um Estado é agora avaliada por como sua nação trata os homossexuais. As autoras complementam ainda que pinkwashing somente faz sentido como uma estratégia política dentro de um discurso de islamofobia ou árabofobia. Dessa forma, tanto o pinkwashing quanto o pinkwatching são legíveis através de uma eficácia política e social do homonacionalismo, como uma força estruturante da modernidade neoliberal (PUAR, MIKDASHI, 2012).

Seguindo essa perspectiva abordada pelas autoras, por um lado, o pinkwashing levanta uma ampla gama de questões sobre a população LGBT+ palestina na Faixa de Gaza, Cisjordânia e Israel. Por outro lado, o pinkwatching feito nos Estados Unidos não só levanta essas mesmas questões, mas também as responde ao apontar a presença de grupos e indivíduos ativistas árabes e palestinos no Oriente Médio como uma prova de que há grupos LGBTs endêmicos do mundo árabe. Portanto, a relação entre pinkwashing e pinkwatching produz um ciclo de feedbacks que estabiliza o discurso criticado por aqueles que adotam o pinkwatching. Desta forma, tanto pinkwashing quanto pinkwatching são apenas “exercícios” do homonacionalismo, onde a única diferença entre ambos é que o pinkwashing é feito em nome de Israel e o pinkwatching em nome da população palestina (PUAR, MIKDASHI, 2012).

Ao que tange a aparência do pinkwashing, segundo o movimento Pinkwatching Israel¹⁶, é necessário destacar que esse mecanismo se manifesta de diversas formas, podendo ser adotado diretamente pelo governo de Israel, por organizações patrocinadas pelo governo israelense, por organizações internacionais ou indivíduos. Algumas das ferramentas utilizadas foram: o recrutamento de indivíduos LGBTs para fazer campanha que favoreça o governo israelense e justifique suas ações bárbaras nos Territórios Palestinos Ocupados; a criação da página na rede social Facebook “*Queer Support for Israel*”¹⁷ (Apoio Queer para Israel) que tem como objetivo postar diversas fotos e vídeos com a finalidade de reforçar essa imagem do país como um paraíso LGBT+ no Oriente Médio e dos países árabes como bárbaros e homofóbicos (PINKWATCHING ISRAEL, 2012).

Assim sendo, apesar da exposição do que é o pinkwashing, o pinkwatching e o homonacionalismo e como essas definições relacionam-se, é necessário questionar qual a melhor alternativa para o pinkwashing de modo que não estabilize e reforce o discurso do pinkwashing, como tem feito o pinkwatching. Desse modo, como proposto por Puar e Mikdashi (2012), para que o pinkwatching seja eficaz, como seus praticantes tem dito fazer em nome do ativismo regional (“apenas ouça o que os palestinos queers dizem sobre suas próprias vidas”), o pinkwatching deve levar em consideração e respeitar suas histórias e especificidades regionais ao elaborarem medidas anti-pinkwashing, o que inclui também uma grande variedade de problemas específicos às populações da região, visto que uma tendência comum, feita pelos praticantes do pinkwatching, tem sido a de ignorar questões sérias e decisivas, como o direito de resistir militarmente à ocupação ilegal de assentamentos, o fato alarmante de milhões de palestinos viverem em status de refugiados, a ocupação e anexação ilegal de Jerusalém por Israel e o fato de a “solução de dois Estados” é, na verdade, uma abreviação para a normalização e aceitação dos crimes do colonialismo de colonos (PUAR, MIKDASHI, 2012).

A exemplo disso, é possível mencionar a atuação do grupo Queers Palestinos em prol do Boicote, Desinvestimento e Sanções (PQBDS) que descreve sua luta não só sendo em nome dos queers palestinos, mas em nome de todo o povo palestino. Em seu site, a

¹⁶ Movimento global que tem como intuito expor os esforços de Israel e seus apoiadores para praticar o pinkwashing em cima dos crimes cometidos por Israel; promover a campanha de boicote, desinvestimentos e sanções contra Israel, e; criar uma comunidade sólida e conectada de ativistas queer e da justiça social que trabalham pela justiça nos Territórios Palestinos Ocupados. Endereço eletrônico do movimento: <<http://www.pinkwatchingisrael.com>>.

¹⁷ Endereço eletrônico da citada página na rede social Facebook: <<https://www.facebook.com/SupportIsraelLGBT/>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.

organização deixa expresso que sua luta não é apenas contra a injustiça social e a busca por direitos igualitários como uma minoria queer na sociedade palestina, mas é também, principalmente, a luta contra a colonização, ocupação e apartheid feitos por Israel, além de se oporem, também, às diversas infrações de direitos humanos cometidas por Israel (PALESTINIAN QUEERS FOR BDS, 2018). Portanto, a atuação do grupo PQBDS entra em concordância com o exposto por Puar e Mikdashi (2012), que afirmam que o pinkwashing deve levar em consideração as histórias e contextos regionais em suas lutas e objetivos contra o pinkwashing, visto que o grupo não só adota medidas anti-pinkwashing mas também lutam pelo fim da colonização, apartheid e infrações de direitos humanos cometidos pelo Estado de Israel, para com o povo palestino.

Portanto, fica evidente que o Estado de Israel utiliza-se do mecanismo caracterizado como pinkwashing em um processo de construção de imagens, sendo a israelense positiva e a dos árabes e palestinos negativa. Dado o exposto, é necessário, no tópico a seguir, explicar sobre o mecanismo metodológico da análise de discursos, como esse mecanismo surgiu e como passou por transformações, ao ponto do surgimento da análise de discursos desconstrutivista, que é a vertente escolhida para esse trabalho.

3 A ANÁLISE DE DISCURSO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Antes de dar início à exposição teórica da análise de discursos, é importante destacar que o presente trabalho utiliza-se da forma de estruturação do trabalho de Cristiano Garcia Mendes, intitulado “A construção do conceito de terrorismo: Análise dos discursos do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair”, de 2008. De modo que Mendes estrutura seu trabalho dividindo-o em cinco pontos, sendo o ponto quatro designado para explanar tudo sobre o estruturalismo, pós-estruturalismo e análise de discurso e o ponto cinco designado para analisar os discursos do ex-primeiro-ministro Tony Blair, mesma lógica adotada no presente trabalho. Em seu trabalho, Mendes utiliza-se também da análise desconstrutivista. Portanto, o presente trabalho pega emprestado a lógica de estruturação do trabalho de Mendes¹⁸.

Como visto, os pós-positivistas passam a adotar métodos de pesquisa diferentes dos adotados pelos positivistas, a exemplo disso está a análise de discurso, a desconstrução, a genealogia e a segunda leitura. Na análise de discurso, o objeto de análise é o discurso em si, visto que os discursos proferidos pelo ser humano, seja falado ou não, podem ser reinterpretados de diversas formas, pois a linguagem é responsável por fazer e dar sentido às coisas (ALCÂNTARA, 2014, p. 22).

Portanto, é relevante dar início à esse tópico explanando brevemente sobre o conceito de discurso e como a análise de discursos era feita inicialmente, para depois chegar na análise crítica de discursos, sendo uma ferramenta metodológica utilizada pelas abordagens pós-estruturalistas, sendo assim a vertente da análise de discursos escolhida para esse trabalho.

De acordo com Mussalim (2001), o campo da análise de discursos surge na década de 1960, através das figuras de Jean Dubois, um linguista, e Michel Pêcheux, um filósofo, ambos seguindo uma perspectiva marxista. Antecedendo os trabalhos de Dubois e Pêcheux, o estruturalismo saussureano teve uma importância significativa, inicialmente, sendo este o responsável por criar um projeto da análise de discursos. Nessa ótica, o estruturalismo confere muita importância para a língua, sendo um relevante objeto de estudo, de modo que a língua é estudada a partir de regularidades e, portanto, apreendida na sua totalidade, visto que qualquer tipo de influência externa não é levada em consideração como parte da estrutura, pois compreende-se que essas influências podem gerar irregularidades, sendo assim, uma tradição centrada na linguística. Dessa forma, a língua é compreendida em uma estrutura interna de um

¹⁸ Mendes utilizou-se dessa estrutura para fazer uma análise crítica dos discursos do ex-primeiro-ministro Tony Blair sobre terrorismo, analisando o posicionamento do ex-primeiro-ministro antes do atentado do 11 de setembro 2001, nos Estados Unidos; a mudança do conceito após o atentado; as diferenças entre terrorismo doméstico, internacional e global, e; as narrativas sobre o Iraque.

sistema autônomo e não na sua relação com o mundo. Por conseguinte, a vertente saussureana caracteriza as estruturas da língua conforme as relações estabelecidas entre as estruturas de um mesmo sistema linguístico (MUSSALIM, 2001, p. 113-114).

Como exposto por Mussalim (2001), a vertente saussureana não leva em consideração fatores externos como parte da mesma estrutura que a língua, de modo a influenciá-la. Dessa maneira, o estruturalismo saussureano não leva em consideração a função do sujeito, enquanto indivíduo. Seguindo essa lógica, Mussalim (2001) expõe que Michel Pêcheux desenvolve um posicionamento crítico sobre a Linguística saussureana, de modo que defende uma ruptura epistemológica que posicione o estudo do discurso em outro campo de estudo, que delibere questões teóricas relativas tanto à ideologia, quanto ao sujeito. De acordo com Mussalim (2001), Pêcheux configura uma certa relevância para o papel do sujeito e o contexto em que ele enuncia o discurso, de modo que Pêcheux discorda da visão saussureana de que a significação do valor é concebida como sistêmica. Para ele, a significação não é compreendida de modo sistêmico, por não ser da ordem da língua, mas, na verdade, ser da ordem do discurso e, conseqüentemente, do sujeito (MUSSALIM, 2001, p. 117-118).

Autores como Harris e Chomsky, já no final da década de 1950, começaram a definir o que seriam os elementos específicos da análise de discurso. Estes autores começaram a perceber que o patrimônio histórico-social desempenha um papel chave no processo de produção de sentido, visto que as estruturas linguísticas entram em contato com este patrimônio. Por conta disso, é necessário estudar, também, como este sistema da linguagem estaria em contato com elementos sociais ao ponto de produzir tanto determinados sentidos quanto as conseqüências dos mesmos (MENDES, 2008, p.148-149)

Além do modelo estruturalista saussureano de análise de discursos, há ainda a vertente construtivista que começa a

colocar em xeque a possibilidade de se tratar os discursos de forma tão coerente e coesa como faziam os autores da análise de discursos. Irregularidades, contradições e interrupções começam a ser elementos considerados como presentes em qualquer lógica discursiva. Nessa perspectiva, analisar discursos significaria não somente considerar a formação de sentidos e suas conseqüências pelo confronto de um texto com uma prática social, como também partir do pressuposto de que a não linearidade dos mesmos é parte corrente em qualquer estudo de campo (MENDES, 2008, p. 149).

3.1 A análise de discursos pós-estruturalista

Por fim, e de maior relevância para este trabalho, há a vertente pós-estruturalista de análise de discursos. Conforme Mendes (2008), apesar dessa vertente aceitar a existência de uma lógica retraída das estruturas linguísticas, retratadas pela tradição saussureana, acrescenta ainda o estudo de como o discurso interage com as práticas sociais em um jogo constante de produção de sentidos. Na generalidade, o objetivo das análises de discursos, desenvolvidas a partir de 1970, é estudar as práticas discursivas, que estariam situadas entre os textos e as práticas sociais. Visto que, de acordo com Fairclough (2001), a prática social engloba a prática discursiva que, por sua vez, engloba os textos (MENDES, 2008, p.150).

Dentro da vertente pós-estruturalista e, de maior relevância para este trabalho, está a análise de discursos desconstrutivista¹⁹. De acordo com George (1994), o exercício de desconstrução procura elucidar que nem a Tradição nem a disciplina das Relações Internacionais são construídas sobre um terreno de certeza político-econômico, muito menos de “fatos” históricos, mas sim sobre um terreno altamente contestável de textualidade e representação (GEORGE, 1994, p. 196). George complementa ainda ao afirmar que

Ilustrar que os "grandes textos" das Relações Internacionais podem ser lidos de maneiras inteiramente contrárias ao seu tratamento disciplinar ritualizado é, conseqüentemente, abrir espaço para outras formas de ler a vida global, efetivamente e poderosamente bloqueadas sob um regime textual fundacionalista. Mais precisamente, é para minar a noção de uma realidade única e irreduzível da vida global contemporânea, contra a qual interpretações e teorias conflitantes podem ser avaliadas quanto ao seu conteúdo de verdade. É, nesse sentido, colocar em questão a própria Tradição que é Relações Internacionais e lançar dúvidas sobre a disciplina que estabelece seus limites e estabelece suas regras de pensamento e pesquisa (GEORGE, 1994, p. 196, tradução nossa²⁰).

Conforme Devetak (2005), a desconstrução tem como intuito perturbar radicalmente o que é tomado como conceitos estáveis e oposições conceituais, tendo como ponto principal demonstrar os efeitos e custos produzidos pelos conceitos estabelecidos e oposições, a tais conceitos, com o intuito de revelar a relação entre termos opostos e tentar um deslocamento

¹⁹ Para os devidos fins deste trabalho, optou-se pela vertente derridiana. Assim, segundo Derrida, todos os textos e fenômenos têm ambiguidade, de modo que ambiguidade significa algo que tem mais de um significado. Dessa maneira, optou-se por essa vertente pois a mesma permite a compreensão do mundo de diferentes maneiras, além de considerar o autor do texto ou discurso não como um fator externo, mas sim como uma figura de extrema relevância, entrando em concordância com o sentido geral deste trabalho, visto que utiliza-se aqui uma análise crítica de discursos, de modo que destacar quem profere tais discursos é de suma importância para a análise, como será exposto no capítulo a seguir.

²⁰ Illustrating that the "great texts" of International Relations can be read in ways entirely contrary to their ritualized disciplinary treatment is, consequently, to open up space for other ways of reading global life, effectively and powerfully blocked off under a foundationalist textual regime. More precisely, it is to undermine the notion of a single, irreducible reality of contemporary global life, against which conflicting interpretations and theories can be evaluated for their truth content. It is, in this sense, to bring into question the very Tradition that is International Relations and to cast doubt upon the discipline that sets its boundaries and establishes its rules of thinking and research.

deles (DEVETAK, 2005, p. 168). A desconstrução deve ser responsável pelas estabilizações (ou efeitos de estabilidade), pois é essa preocupação igual com desfazer ou desconstituir que marca a desconstrução de outros modos de interpretação mais comuns. Em suma, a desconstrução diz respeito tanto à constituição quanto à desconstituição de qualquer totalidade, seja um texto, teoria, discurso, estrutura ou instituição (DEVETAK, 2005, p. 169).

É interessante salientar que, segundo Mendes (2008), a prática discursiva é representada em um espaço localizado no intermédio entre o texto e a prática social parte de certos pressupostos espaços-temporais, como: (I) a separação dos dois mundos, um das ideias e outro material; (II) a existência de um sujeito capaz de produzir o discurso, visto que as análises de discursos feitas por autores que não são inseridos completamente no pós-estruturalismo tendem a tratar o sujeito como externo ao texto analisado, e; (III) o contexto, que representa um pressuposto suscetível a diversas discussões pelos pós-estruturalistas (MENDES, 2008, p.152-154).

Hansen (2006) trabalha com uma lógica parecida ao citar quatro elementos a serem delimitados na estrutura da análise de discursos: (1) Número de atores ou agentes: é necessário levar em consideração o número de atores ou agentes envolvidos na análise textual. Podendo ser: (a) um único ator responsável pelo discurso; (b) um comparativo entre as respostas de diferentes atores aos mesmos eventos ou problemas; (c) um encontro discursivo que contrasta o discurso do ator ("Eu") com a outra identidade que o "contra-constrói" ("Outro"), ou seja, discursos de atores que possuem uma relação dicotômica entre si. (2) Modelos intertextuais: diz respeito ao tipo textual a ser analisado. Podendo ser: (a) discursos oficiais, que podem ser transmitidos por órgãos oficiais ou proferidos diretamente pelos autores físicos; (b) debate mais amplo, que incorpora atores como a mídia, partidos políticos opositores e grupos empresariais; (c) representações culturais; (d) discursos políticos marginais. (3) Perspectiva temporal diz respeito a como o texto selecionado está posicionado no tempo. Podendo ser alocado sob três perspectivas: (a) um momento ou período de tempo específico; (b) comparação de um determinado número de eventos que estão conectados por algum assunto em específico; (c) desenvolvimento histórico: como um fenômeno discursivo em específico é desenvolvido historicamente. (4) Número de eventos: é o processo de limitar os eventos desenvolvidos pelo discurso. Podendo ser: (a) um evento único; (b) eventos localizados em momentos diferentes, mas relacionados por alguma questão em específico; (c) eventos relacionados pelo tempo em uma comparação da construção discursiva de várias questões dentro do mesmo período (HANSEN, 2006, p. 66-71).

É possível relacionar a lógica de Hansen (2006), dos quatro elementos a serem delimitados na estrutura da análise de discursos, com o presente trabalho, de modo que: (1) Número de atores ou agentes: um comparativo entre os discursos de diferentes representantes oficiais do Estado de Israel, à mesma problemática, ou seja, citar, em um mesmo discurso, a pauta LGBT+ e ataques ou comentários negativos aos árabes; (2) Modelos intertextuais: discursos oficiais proferidos pelos representantes oficiais do Estado de Israel, sejam eles transcritos ou falados diretamente por eles; (3) Perspectiva temporal: comparação e análise de diversos discursos ao longo do tempo, mais precisamente a partir de 2009, ano em que a campanha Brand Israel diversifica-se e lança um evento direcionado ao público LGBT+; (4) Número de eventos: discursos localizados em momentos diferentes, mas que relacionam-se a uma questão em específico, ou seja, o pinkwashing.

Uma análise de discursos que se caracteriza como sendo desconstrutivista deve, por conseguinte, iniciar pela problematização dos três pressupostos de Mendes (2008) apresentados anteriormente: a possibilidade de separação dos dois mundos; a concordância da existência de um autor de discurso situado externamente ao seu texto; e o dever de levar em consideração o contexto do discurso analisado (MENDES, 2008, p. 154).

O primeiro pressuposto considera como dada a existência de um mundo material, sendo assim exterior e, por via de regra, existiria independentemente da representação feita pelo observador. A vertente desconstrutivista derridiana reforça o fato de que há certas arbitrariedades valorativas que fundamentam este pensamento. Como por exemplo, o mundo material depende de uma dicotomia entre o que é real e o que ilusório, de modo que a materialidade do mundo analisado leva em consideração a dicotomia verdade-mentira, em que tudo o que se aproxima do real-material estaria automaticamente próximo da verdade, enquanto que tudo o que fosse caracterizado como ilusório e irreal estaria mais próximo da mentira. Consequentemente, o real seria necessariamente, sempre melhor que o ilusório, visto que o julgamento moral sempre valoriza um dos pólos em detrimento do outro (MENDES, 2008, p. 154-155).

Entretanto, a análise de discursos desconstrutivista não ameaça a existência, ou não, deste mundo material, considerado como a realidade. Visto que, se assim fosse feito, estaria assumindo a mesma lógica daquilo que nega. Dessa forma, a análise de discursos desconstrutivista não tem como intuito negar o sentido metafísico da existência do mundo, e, por isso, ela meramente ignora não só a necessidade da dicotomia verdade-mentira, que incorpora o que é real e o que é ilusório, mas como também a concepção de valor em relação a estas polaridades. Portanto, a análise de discursos desconstrutivista considera que todo

discurso representa uma realidade em si mesmo e, por conta disso, não considera o discurso analisado como representação de uma materialidade (MENDES, 2008, p. 156-157).

Entretanto, é necessário destacar, como exposto por Campbell (1992), que o mundo existe independentemente da linguagem, mas nunca será possível saber disso (além do fato de sua afirmação), porque a existência do mundo é literalmente incompreensível fora da linguagem e das tradições de interpretação (CAMPBELL, 1992, p.6).

O segundo pressuposto diz respeito ao papel desempenhado pelo autor de um determinado discurso analisado, de modo que o perfil do autor representa um aspecto relevante a ser levado em consideração na compreensão dos seus sentidos. Assim, ao relacionar o discurso analisado e o perfil do seu autor, determinados elementos tornam-se mais fáceis de serem compreendidos quando o autor por trás daquela obra é revelado (MENDES, 2008, p. 157).

Para Derrida, entretanto, o papel do autor é o de criar o próprio discurso e, como exposto por Mendes (2008, p. 158), “o contraponto entre texto e autor teria como único resultado a produção de intertextualidades que elevaria os níveis de interpretação a outros patamares, produzindo, conseqüentemente, outros discursos” (MENDES, 2008, p. 158).

Para o pós-estruturalismo, o autor do discurso não pode ser visto como algo exterior ao discurso, pois a figura do primeiro está sempre entrelaçada ao papel do segundo. Vale destacar, entretanto, que cada autor impacta diferentemente os textos a eles ligados, por isso as abordagens pós-estruturalistas caracterizam como de suma importância a identificação da autoria (MENDES, 2008, p. 159). Sendo assim, as relações entre autor e textos não são concretas e nem passíveis de generalizações, variando de acordo com o autor em questão.

O terceiro pressuposto abarca a necessidade de contextualização, que é caracterizado como algo que também deve ser contestado pela análise de discursos desconstrutivista. Para a análise de discursos desconstrutivista derridiana, até mesmo a percepção de história é passível de ser relativizada, visto que a noção de tempo nada mais é do que uma metáfora, segundo Derrida. Dentro dessa lógica, segundo Mendes (2008), o processo de fazer história significa produzir discursos sobre o presente, com o intuito de que aquilo que é considerado como presente passe a ser analisado de outras formas através do pressuposto da profundidade temporal. Dito isso, a contextualização histórica não representa apenas um pressuposto para conseguir utilizar da análise de discursos, o processo de contextualizar historicamente é, também, um processo político, pois permite que determinada perspectiva atual possa ser reafirmada através da estruturação de um suposto processo evolutivo, que a mesmo tempo contrasta diferenças e conserva determinadas semelhanças entre presente e passado

(MENDES, 2008, p. 161-162). Em concordância com o exposto, conforme Kurki e Wight (2013), as abordagens pós-estruturalistas adotam essa visão do conhecimento para afirmar que as afirmações sobre a "realidade" são construídas dentro de sistemas discursivos e sociais particulares e estão sempre implicadas em relações de poder (KURKI, WIGHT, 2013, p. 30).

Hansen (2006) também acha relevante levar em consideração o contexto, visto que autora apresenta uma preocupação não somente com quem é responsável pelo discurso, mas também com outros fatores de extrema relevância, como onde e como o discurso em questão foi proferido. A autora considera que é preciso considerar também os fatos materiais e estudar como estes são produzidos e priorizados. Hansen acredita que a estratégia da análise do discurso não deve privilegiar os fatores materiais em detrimento dos ideacionais, mas deve incorporar ambos nesse processo de análise. A intenção analítica é entender as ideias e a materialidade como construídas através de um discurso que gera sentido à materialidade mediante um conjunto particular de construções de identidade (HANSEN, 2006, p. 20).

Mendes (2008) destaca que a contextualização do discurso não é obrigatória para a análise de discursos desconstrutivista, mas ao optar pela utilização, o autor deve estar ciente que nunca se deve tratar o contexto como uma materialidade, pois a contextualização desse processo desconstrutivista significaria apenas efetuar uma interdiscursividade entre o texto principal que se analisa e um segundo texto que produz a concepção de passado em relação à presença metafísica exposta no primeiro texto (MENDES, 2008, p. 163).

Dentro dessa perspectiva, vale salientar que historicamente, certos discursos ganharam força, sendo assim caracterizados como discursos dominantes e, por conta disso, tornaram-se legítimos. Enquanto que, paralelamente, certos discursos são excluídos e marginalizados. Vale destacar que essas dicotomias dependem uma da outra para co-existirem, pois uma é construída em relação à oposição à outra. Essa relação entre os discursos dominantes e os discursos excluídos constrói o modo que as relações de poder e relações de saber inscritas nos discursos foram construídas ao longo da história (DEVETAK, 2005, apud DANTAS; LEITE, 2015, p. 170).

Derrida complementa tal afirmação ao reconhecer que oposições conceituais nunca são simplesmente neutras, mas são inevitavelmente hierárquicas, sendo assim, um dos dois termos na oposição é privilegiado e supostamente conota uma presença, propriedade, plenitude, pureza ou identidade que o outro não tem. A desconstrução tenta mostrar que tais oposições são insustentáveis, visto que cada termo sempre dependerá do outro, daquele que o opõe. Entretanto, mesmo havendo essa dependência dos termos, o termo valorizado ganha seu privilégio ao rejeitar sua dependência do termo subordinado (DEVETAK, 2005, p. 168).

Segundo Foucault (1986, p. 47), o discurso representa um conjunto de práticas discursivas que não só cria significados e valores para os objetos sobre os quais enunciam, mas também tangenciam, delimitam conceitos, legitimam os sujeitos enunciadore e fixam estratégias. Para o autor, tempo e espaço representam fatores de extrema relevância para a análise de discurso, visto que representam instrumentos fundamentais para o bom desenvolvimento da análise de discurso. Vale destacar que um discurso pode ser institucionalizado e legitimado sem ser percebido na maioria das vezes. Foucault reforça essa ideia ao afirmar que o discurso é a reverberação da verdade que é construída diante de nós, os observadores. Portanto, o discurso surge de acordo com as circunstâncias específicas e os próprios discursos são limitados pelo autor, por isso a análise crítica de discursos mostra-se necessária (FOUCAULT, 1986, apud DANTAS; LEITE, 2015, p. 165-166).

Em suma, o mecanismo metodológico escolhido para o presente trabalho foi a análise de discursos pós-estruturalista, pois permite identificar, desestabilizar e problematizar a construção identitária feita por Israel sobre si e sobre os árabes, com base no pinkwashing. Dito isso, essa análise de discursos permite uma inserção do indivíduo que profere o discurso dentro da análise, de modo a levar em consideração e analisar o impacto e objetivos de seu discurso, além disso, esse mecanismo metodológico permite, também, uma contextualização histórica, possibilitando uma compreensão do contexto em que os discursos estão sendo proferidos e como esses discursos são influenciados pelo próprio contexto. Dado o exposto, o tópico a seguir abordará a análise de discurso pós-estruturalista *per se* dos representantes oficiais do Estado de Israel.

3.2. Modelo de pesquisa e processos de ligação e diferenciação de Hansen (2006) na análise de discursos

Como já exposto, foi optado, no presente trabalho, por analisar os discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel, como primeiros ministros e embaixadores. Com o intuito de abordar, dentro desses discursos, como o Estado de Israel utiliza-se do pinkwashing para construir sua imagem como democrático e cosmopolita e dos palestinos como bárbaros e violentos, de modo a deslegitimar a causa palestina.

Dessa forma, como já explicitado no tópico anterior, Hansen (2006) propõe um modelo de pesquisa, que embarca quatro elementos chaves: número de atores ou agentes; tipos textuais; perspectiva temporal, e; número de eventos. Desse modo, ao que tange o

número de atores, foi selecionado diferentes atores, como o primeiro ministro de Israel Benjamin Netanyahu e o Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Ron Dermer. É importante destacar que, pelo fato dos discursos serem proferidos, ou produzidos, diretamente por esses indivíduos ou por um de seus assessores, não há uma necessidade de averiguar tais discursos, sendo assim, os indivíduos selecionados para esse trabalho, tornam-se responsáveis por seus discursos, uma vez que são os responsáveis por produzi-los.

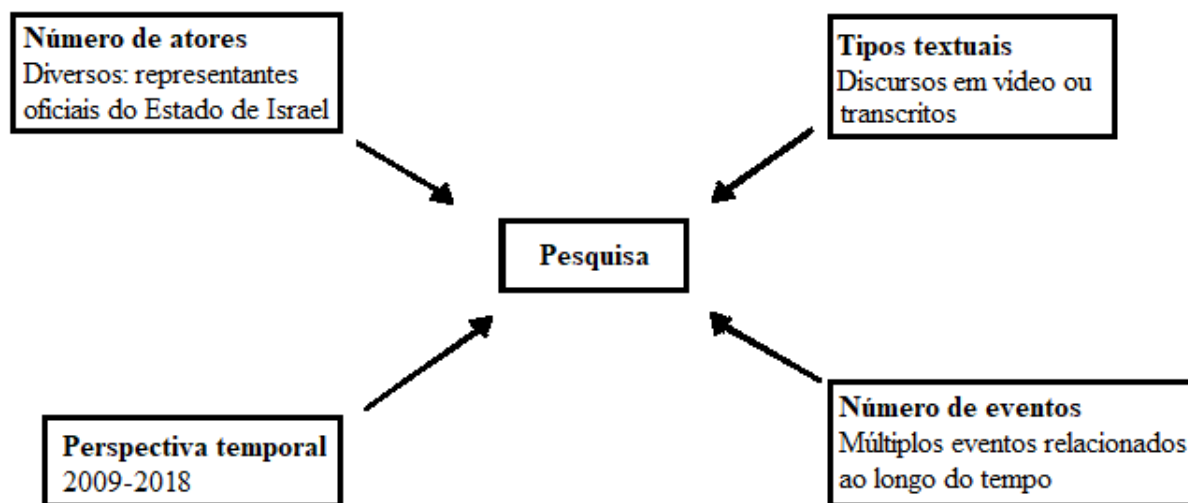
Ao que tange os tipos textuais, este trabalho utiliza tanto a transcrição de vídeos, proferidos originalmente em inglês, para o português, quanto discursos transcritos, em inglês, disponibilizados em diferentes endereços eletrônicos. Neste caso, foram selecionados apenas os discursos em que aparecem tanto a pauta LGBTQ+ quanto algum tipo de ataque ou comentário negativo sobre os árabes. Vale destacar que os discursos referem-se aos árabes de uma maneira geral, mais especificamente os árabes do Irã, Síria e aqueles vinculados ao ISIS, não direcionando diretamente o discurso aos palestinos, visto que, se assim fosse feito, o Estado de Israel legitimaria a identidade do povo palestino separadamente do povo árabe. Entretanto, como aponta os ativistas anti-pinkwashing, os palestinos representam o grupo mais atingido desse mecanismo, visto que o principal objetivo do pinkwashing utilizado por Israel é encobrir a ocupação feita nos Territórios Palestinos Ocupados.

Em relação à perspectiva temporal, aborda-se um recorte temporal de 2009 a 2018. Esse recorte temporal em específico foi selecionado, pois foi somente em 2009 que a campanha israelense Brand Israel diversifica-se e lança um evento direcionado ao público LGBTQ+, além de ter sido o ano em que o atual Primeiro Ministro, Benjamin Netanyahu, foi eleito, enquanto que o fim, 2018, foi escolhido pelo fato de que a pesquisa foi concluída neste ano em específico e também, porque foi quando foi encontrado o discurso mais recente de algum representante oficial do Estado de Israel que abordasse a pauta LGBTQ+.

Por fim, ao que diz respeito o número de eventos, foram selecionados diversos eventos relacionados ao longo do tempo. Esta escolha ocorreu porque o foco central deste trabalho é o pinkwashing, sendo assim, percebe-se que o Estado de Israel adotou, ao longo dos anos, diversos mecanismos e ações pró-LGBTQ+ que são responsáveis por construir sua imagem com características positivas e dos palestinos com características negativas. Desse modo, percebe-se que o pinkwashing não fica restrito apenas aos mecanismos estatais, mas também nos discursos de seus representantes oficiais. Sendo assim, os discursos selecionados relacionam-se ao longo do tempo por tratarem, mesmo que de modo implícito, o pinkwashing.

Desta forma, é possível colocar tais informações no modelo de pesquisa da análise de discurso proposto por Hansen (2006), de modo a surgir o seguinte esquema:

Figura 3- Análise de discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel.
Adaptado de Hansen (2006, p. 67).



Dado o exposto, o tópico a seguir abordará a análise de discursos per se dos representantes oficiais do Estado de Israel, no período de tempo de 2009 a 2018.

3.3 Análise dos discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel

Em setembro de 2009, o Primeiro Ministro do Estado de Israel, Benjamin Netanyahu²¹ proferiu um discurso²² durante a Assembleia Geral das Nações Unidas. Netanyahu inicia seu discurso fazendo uma breve consideração histórica, ao afirmar que em 1948 as Nações Unidas haviam reconhecido o direito do povo judeu à um Estado já pertencente à esse povo nos tempos ancestrais. Logo em seguida, o primeiro ministro posiciona-se inconformado com a afirmação do então Presidente do Irã de que o Holocausto foi uma mentira²³. A seguir, Netanyahu proferiu um longo sermão sobre tal afirmação e diversos fatos que, de acordo com sua perspectiva, comprovam que o Holocausto de fato ocorreu.

Nearly 62 years ago, the United Nations recognized the right of the Jews, an ancient people 3,500 years-old, to a state of their own in their ancestral homeland. (...) The United Nations was founded after the carnage of World War II and the horrors of the Holocaust. It was charged with preventing the recurrence of such horrendous events.

²¹ Benjamin Netanyahu assumiu o cargo de Primeiro Ministro do Estado de Israel em 31 de março de 2009 com seu mandato estendendo-se até a atualidade.

²² Discurso transcrito, em inglês, disponível em: <<https://www.haaretz.com/1.5397187>>.

²³ Matéria, em inglês, que expõe trechos do discurso do ex-Presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, em 2009: <<https://www.reuters.com/article/us-iran/ahmadinejad-says-holocaust-a-lie-israel-has-no-future-idUSTRE58H17S20090918?rpc=64&sp=true>>.

(...) Yesterday the President of Iran stood at this very podium, spewing his latest anti-Semitic rants. Just a few days earlier, he again claimed that the Holocaust is a lie.

A seguir, Netanyahu explicita que o regime iraniano é um regime abastecido por um fundamentalismo extremo e que tal fanatismo tem sido evidente para todo o mundo nas últimas trinta décadas, através de uma violência assassina e imparcialidade ao escolher suas vítimas. Por fim, e de maior relevância para este trabalho, segundo o primeiro ministro, o regime iraniano tem assassinado pessoas de diferentes grupos sociais, como muçulmanos, cristãos, judeus e hindus, além de impor uma sociedade regimentada em que mulheres, minorias, homossexuais ou qualquer um caracterizado como não sendo um crente verdadeiro é brutalmente subjugado.

This Iranian regime is fueled by an extreme fundamentalism that burst onto the world scene three decades ago after lying dormant for centuries. In the past thirty years, this fanaticism has swept the globe with a murderous violence and cold-blooded impartiality in its choice of victims. It has callously slaughtered Muslims and Christians, Jews and Hindus, and many others. (...) Wherever they can, they impose a backward regimented society where women, minorities, gays or anyone not deemed to be a true believer is brutally subjugated.

Nota-se, na passagem a seguir, que, de acordo com Netanyahu, o fato do regime iraniano adotar medidas violentas e intolerantes, o caracteriza como sendo uma civilização antiga, do século IX. Ao analisar essa passagem do primeiro ministro, é possível caracterizar o “eu”, nessa perspectiva, como civilizado, evoluído e moderno, enquanto que o “outro” é caracterizado como atrasado, bárbaro e primitivo.

The struggle against this fanaticism does not pit faith against faith nor civilization against civilization. It pits civilization against barbarism, the 21st century against the 9th century, those who sanctify life against those who glorify death. The primitivism of the 9th century ought to be no match for the progress of the 21st century. The allure of freedom, the power of technology, the reach of communications should surely win the day. Ultimately, the past cannot triumph over the future. And the future offers all nations magnificent bounties of hope. The pace of progress is growing exponentially.

Quase dois anos depois, em maio de 2011, Benjamin Netanyahu proferiu um discurso durante a Sessão Conjunta do Congresso dos Estados Unidos²⁴. Netanyahu inicia seu discurso²⁵ agradecendo pela oportunidade e, logo a seguir, começa seu discurso dizendo que Israel não tem um amigo melhor do que os Estados Unidos e os Estados Unidos não tem um amigo melhor do que Israel, como fica exposto na passagem: “Israel has no better friend than America. And America has no better friend than Israel. We stand together to defend democracy. We stand together to advance peace. We stand together to fight terrorism”. Fica evidente nesta passagem, como Netanyahu reforça o perfil democrático de Israel, ao afirmar

²⁴Discurso disponível na plataforma de vídeos Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=4H3Kyt1iGEE>>.

²⁵Versão transcrita, em inglês, do discurso em: <<https://www.americanrhetoric.com/speeches/benjaminnetanyahujointsession2011.htm>>.

que o país e os Estados Unidos - maior símbolo da defesa de ideais como democracia, direitos humanos e liberdade - são melhores amigos. Além disso, continua expondo que juntos lutam pela a paz e contra o terrorismo. Vale destacar que essa luta contra o terrorismo aparece diversas vezes nos discursos de Netanyahu.

Já no trecho a seguir, Netanyahu deixa claro que Israel é o único país estável do Oriente Médio, com uma democracia e forças de defesa consolidadas, não precisando da interferência estadunidense em seu território, como tem feito os Estados Unidos nos países do Oriente Médio.

In an unstable Middle East, Israel is the one anchor of stability. In a region of shifting alliances, Israel is America's unwavering ally. Israel has always been pro-American. Israel will always be pro-American. My friends, you don't have to -- you don't need to do nation building in Israel. We're already built. You don't need to export democracy to Israel. We've already got it. And you don't need to send American troops to defend Israel. We defend ourselves. You've been very generous in giving us tools to do the job of defending Israel on our own.

Logo a seguir, o Primeiro Ministro referencia a Primavera Árabe²⁶ ao dizer que os acontecimentos que ocorreram durante esse período representam uma luta clara entre tirania e liberdade, complementando que ele acredita que a existência de protestos representa uma coisa boa, pois protestos somente são permitidos em países democráticos, não sendo permitidos em sociedades que defendem a liberdade, citando que tais protestos não são vistos em Tripoli (capital da Líbia) e Teerã (capital do Irã), por exemplo. Mais uma vez aparece em seu discurso a construção de imagens de Israel como um país democrático e defensor das liberdades e dos países vizinhos como o exato oposto.

An epic battle is now underway in the Middle East, between tyranny and freedom. A great convulsion is shaking the earth from the Khyber Pass to the Straits of Gibraltar. The tremors have shattered states; they've toppled governments. And we can all see that the ground is still shifting. Now this historic moment holds the promise of a new dawn of freedom and opportunity. There are millions of young people out there who are determined to change their future. We all look at them. They muster courage. They risk their lives. They demand dignity. They desire liberty. You know, I take it as a badge of honor and so should you that in our free societies you can have protests. You can't have these protests in the farcical parliaments in Tehran or in Tripoli. This is real democracy!

²⁶ A Primavera Árabe foi um movimento que teve grande abrangência e atingiu todos os países do Oriente Médio. Mesmo as manifestações tendo sido iniciadas e sido mais violentas nas repúblicas (Tunísia, Egito, Argélia e Iêmen), houve também manifestações e revoltas nas monarquias (Jordânia, Bahrein, Kuwait, Arábia Saudita e Emirados Árabes). O principal objetivo desse movimento era a instalação de regimes democráticos nos países, visto que, a maior parte desses Estados, após suas independências, passaram a ser regidos por regimes autoritários. No entanto, esses regimes autoritários impunham à sociedade um modelo de repressão, controle e privação de direitos, além da extinção da oposição. Esses fatores já não mais possibilitavam outra saída senão atos extremos, ou de desespero adotados pela população (COSTA, 2011, p. 8). Como consequência dessa opressão frequente, em dezembro de 2010, a população de diversos países do Oriente Médio organizam-se em uma onda de manifestações e protestos, que reivindicavam seus direitos políticos e liberdades civis, além de lutarem contra a repressão, visto que a população passou a questionar a legitimidade do poder desses regimes que já estavam no poder há décadas (LUZ, 2014, p. 25).

No trecho a seguir, e de maior relevância para este trabalho, Netanyahu expõe que Israel, assim como os Estados Unidos, trilhou um caminho de liberdades, um caminho que permite eleições justas, a existência de protestos no país e a defesa de direitos humanos. Assim sendo, Netanyahu cita ainda que o Oriente Médio, por muito tempo, negligenciou esse caminho, mas Israel não, de modo que nos países da região, mulheres são apedrejadas, gays são enforcados e cristãos são perseguidos, mas Israel se destaca nesse aspecto e garante direitos e segurança à todas as minorias.

So today, the Middle East stands at a fateful crossroads. And like all of you, I pray that the peoples of the region choose the path less travelled, the path of liberty. No one knows what this path consists of better than you. Nobody. This path, of liberty, is not paved by elections alone. It's paved when governments permit protests in town squares, when limits are placed on the powers of rulers, when judges are beholden to laws and not men, and when human rights cannot be crushed by tribal loyalties or mob rule. Israel has always embraced this path, in a Middle East that has long rejected it. In a region where women are stoned, gays are hanged, Christians are persecuted, Israel stands out. It is different.

Netanyahu expõe, ainda, uma diversidade de questões como o fato de que ele defende que os países árabes busquem processos de democratização, que ele defende a criação de um Estado Palestino, caso os palestinos reconheçam e não se posicionem contrários ao Estado de Israel e, de modo mais significativo, que o Irã apresenta uma ameaça não só para a região, mas para o mundo, principalmente após a aquisição de armas nucleares, como exposto no trecho a seguir.

Foremost among these forces is Iran. The tyranny in Tehran brutalizes its own people. It supports attacks against American troops in Afghanistan and in Iraq. It subjugates Lebanon and Gaza. It sponsors terror worldwide. When I last stood here, I spoke of the consequences of Iran developing nuclear weapons. Now time is running out. The hinge of history may soon turn. For the greatest danger of all could soon be upon us: a militant Islamic regime armed with nuclear weapons. (...) But (...) militant Islam could exact an horrific price from all of us before its inevitable demise. A nuclear-armed Iran would ignite a nuclear arms race in the Middle East. It would give terrorists a nuclear umbrella. It would make the nightmare of nuclear terrorism a clear and present danger throughout the world. Now I want you to understand what this means, because if we don't stop it, it's coming. They could put a bomb anywhere. They could put it in a missile. They're working on missiles that could reach this city. They could put it on a ship inside a container to reach every port. They could eventually put it in a suitcase or in a subway.

Alguns anos depois, em dezembro de 2015, Amir Ohana, primeiro membro abertamente homossexual do Knesset²⁷, pelo partido Likud - mesmo partido do Primeiro

²⁷ A estrutura política de Israel distingue-se da brasileira, visto que o Estado de Israel é uma democracia parlamentar, com três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. O poder Legislativo é representado pelo Knesset, o Parlamento do Estado de Israel. Com uma estrutura unicameral, o parlamento possui 120 integrantes, que são eleitos por um período de quatro anos, em eleições nacionais e universais, mas vale destacar que o Knesset pode se dissolver ou ser dissolvida pelo primeiro-ministro em qualquer momento. A maioria absoluta é alcançada com 61 cadeiras, mas desde a fundação de Israel, nenhum partido conseguiu atingir esse número. Informações disponíveis em: <<http://embassies.gov.il/brasil/AboutIsrael/Pages/About-Israel.aspx>>; <<http://www.conib.org.br/glossario/Knesset>>.

Ministro Benjamin Netanyahu-, profere seu discurso de posse²⁸. Ohana inicia agradecendo a presença de todos, principalmente de seu marido e filhos. Logo a seguir, Ohana se caracteriza como sendo judeu, israelense, Mizrahi²⁹, homossexual e membro do Likud. Segundo Ohana, nenhuma dessas características vem primeiro e todas são postas como igualmente relevantes. A seguir, Ohana detalha exemplos que reforçam o porque dele se identificar com tais características, como o fato de que se um judeu é perseguido, então ele é um judeu, se surgem ações de boicote e expulsão, então ele é um colono e a lista continua. Um dos exemplos mais significativos para esse trabalho é o fato de Ohana ter mencionado o caso de Shira Baki, já mencionado anteriormente por Netanyahu, ao expressar que se uma menina foi morta durante uma Parada que busca a tolerância e o amor, então ele é um homossexual. Após, Ohana expressa que a bandeira levantada pela comunidade LGBTQ+ é uma bandeira multicolorida e não uma bandeira de apenas uma cor, tal afirmação pode ser avaliada como uma expressão de pluralidade e oposição à intolerância.

I stand here today, the son of Esther and Meir Ohana, who came from Morocco, to build a state. Here, with my other half, Alon, my love. Jewish, Israeli, Mizrahi, homosexual, Likudnik. (...) Which comes first? They all come together. When they chase a Jew screaming “slaughter the Jews”, I’m a Jew above all; when they shoot, boycott, mark and expel, I’m a settler; where one seeks to blur, belittle or expunge a culture, I’m a Mizrahi Jew; when IDF soldiers are subject to slanderous speech, I’m a soldier; when entire neighborhoods aren’t as they used to be, and old ladies are forced to live the rest of their lives behind closed doors, I’m from the South Tel Aviv; and one’s appearance is a good enough reason to hate him, to remove him from the area and from the employment opportunities, I’m a confident Haredi Jew; and when one stabs to kill, my friends, a young girl in a parade for tolerance and love, I’m a homosexual who doesn’t wish for the day to come, but who brings the day who understands that the flag we carry, lesbians, homo, trans and bisexuals is a rainbow-colored flag, with many colors, my gay friends, not just one color.

Seguidamente, Ohana expressa a já conhecida consideração de que Israel, apesar de pequeno, é especial e representa uma maravilha única: “The State of Israel, the one and only, the ancient and renewing, the small and special is a unique wonder”. Tal afirmação reforça a lógica de Israel como um paraíso democrático dentro do Oriente Médio.

De modo semelhante ao seu discurso proferido em 2011, em junho de 2016, Benjamin Netanyahu, durante um discurso online, disponível na conta oficial do primeiro ministro na plataforma virtual de vídeos, YouTube³⁰, demonstra condolências às famílias dos indivíduos assassinados na boate LGBTQ+ Pulse, em Orlando, Flórida, episódio que aconteceu no mesmo mês do discurso. Em seu discurso, Netanyahu expõe o quão triste é o fato de pessoas LGBTQ+

²⁸ Discurso completo, em hebreu, com legenda em inglês, de Amir Ohana no Knesset: <<https://www.youtube.com/watch?v=arM4RUiHnLQ>>.

²⁹ Também caracterizados como judeus orientais, os judeus Mizrahi são aqueles originários do Oriente Médio e com fortes tradições linguísticas e culturais atreladas à cultura árabe. Amir Ohana se caracteriza como judeu Mizrahi, pois seus pais são originários de Marrocos.

³⁰ Discurso, em inglês, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3qLhrHGSgoE>>.

terem sido assassinadas apenas por serem quem são e estarem se divertindo com amigos, salienta ainda que o indivíduo que cometeu tal crime não estava sozinho, recebendo apoio de diversas organizações terroristas ao redor do mundo.

In Orlando, a terrorist walks into a nightclub and murders nearly 50 human beings - sons and daughters, brothers and sisters, cut down in cold blood. They did nothing wrong, they were dancing with friends, they were enjoying music with loved ones. Why did the terrorist murder? Because he was driven by a fanatical hatred, he targeted the LGBT community, because he believed they were evil. Now, the murderer wasn't alone, regime and terrorist organizations around the world ruthlessly persecute the LGBT community.

Além disso, Netanyahu menciona o fato de que na Síria, o Estado Islâmico (ISIS)³¹ joga pessoas homossexuais de telhados de prédios e no Irã, o regime enforca homossexuais em guindastes. Netanyahu salienta que ao executar pessoa LGBT+ esse indivíduo, descrito pelo mesmo como terrorista, estaria atacando a todos, os valores da liberdade, diversidade e escolha. Logo em seguida, o mesmo exemplifica diversos ataques que aconteceram ao redor do mundo, contra gays, judeus, yazidis³², cristãos, etc. Uma afirmação um tanto quanto problemática do Primeiro Ministro é que, enquanto o povo israelense acredita que todos os indivíduos são criados à imagem de Deus, o Estado Islâmico acredita que todas as pessoas que não são como eles devem morrer.

In Syria, ISIS throws gays off rooftops, in Iran, the regime hangs gays from cranes. Too many people have remained silent in the face of this awful persecution. This week's shooting wasn't merely an attack on the LGBT community, it was an attack on all of us, on our common values of freedom, diversity and choice. Radical Islamist terror makes no distinction between shades of infidel; this week it was gays in Orlando; a few days before that was jews in Tel Aviv; before that was music fans in Paris; travelers in Brussels; Yazidis in Iraq; community workers in San Bernardino; christians and journalists in Syria; all of us are targets. We believe that all people are created in the image of God. ISIS, by contrast, believes that all people aren't just like them, deserve to die.

Netanyahu termina seu discurso dizendo que todos devemos demonstrar apoio às pessoas LGBT+ pois, segundo ele, todos somos uma única família e todos merecemos dignidade, respeito e direito de viver. Reforçando o discurso de que aqueles que espalham o terror e medo serão perseguidos e derrotados, por Israel e por todos aqueles que apoiam essa luta contra o terrorismo.

Today I ask you to reach out to friends in the LGBT community, comfort them, tell them you stand together, we stand together as one, and that you will always remember the victims, tell them they will never be alone, that we are all one family, deserving of dignity, deserving of life. I have no doubt that those who seek to spread hate and fear will be defeated, working together we will defeat them ever faster. We

³¹ O Estado Islâmico é uma organização jihadista islamita terrorista que opera principalmente no Oriente Médio. A organização muitas vezes é caracterizada como ISIS (sigla em inglês para Estado Islâmico do Iraque e da Síria) e ISIL (Estado Islâmico do Iraque e do Levante).

³² Comunidade étnico-religiosa originária do Oriente Médio, com forte concentração no Iraque. Os yazidis sofrem diversos ataques e perseguições pelo ISIS, visto que a organização caracteriza a existência desse grupo étnico como uma forte influência não-muçulmana na região, visto que os yazidis praticam uma religião chamada yazidismo.

need to stand united, resolute, in the belief that all people, regardless of their sexual orientation, regardless of their race, regardless of their ethnicity, all people deserve respect, deserve dignity.

O que fica evidente, é que Netanyahu não só se posicionou favorável à comunidade LGBT+ e contrário ao terrorismo, mas também reforçou, mais uma vez, a imagem do “eu” israelense, que defende os ideais da democracia: liberdades, pluralidade e respeito. Em contrapartida, reforçou a imagem do “outro”, o árabe, mais especificamente o regime no Irã e o ISIS, na Síria, são violentos e intolerantes, que matam todos aqueles que vão de encontro aos seus ideais. Ao utilizar a palavra “nós” repetidamente em seu discurso, Netanyahu reforça a ideia de que Israel é igual a diversos outros países, inclusive igual aos Estados Unidos, país que ocorreu o ataque, e, por isso, deve haver uma defesa coletiva dos ideais democráticos comuns a todos esses países.

Pouco tempo depois, em julho de 2016, Netanyahu profere um discurso³³, também no Youtube, sobre o fato de toda a população se posicionar em apoio e solidariedade para com a Parada do Orgulho LGBT+ de Jerusalém. Netanyahu expõe que ninguém deveria ter medo por amar alguém e, complementa dizendo que a comunidade LGBT+ tem enfrentado diversas atrocidades ao redor do mundo, mencionando, novamente, o ataque ocorrido em Orlando e o fato do ISIS jogar homossexuais de telhados e do governo iraniano enforcá-los em praça pública. Logo a seguir, expõe que Israel está cercado por regimes que matam as pessoas por simplesmente serem homossexuais, enquanto que em Israel a comunidade LGBT+ marcha com orgulho.

Today's Jerusalem's Gay Pride Parade. (...) Loving someone should never mean a life of fear or terror. For too long, the LGBT community around the world has faced violence and intimidation. Weeks ago, dozens of members of the LGBT community were gunned down in Orlando by a terrorist, a terrorist with a fanatic ideology. We've all seen the horrific pictures of ISIS throwing gays off rooftops and the iranian regime hangs them from cranes in public squares. (...) Surrounding us are regimes who literally murder you for being gay, in Israel the LGBT community marches with pride, my wavering belief is that all people are created equal.

Logo a seguir, o primeiro ministro menciona o caso de Shira Banki³⁴, uma jovem de dezesseis anos que foi esfaqueada até a morte por um judeu ultra-ortodoxo, durante a Parada de 2015. É interessante analisar que, em nenhum momento, Netanyahu menciona que o

³³ Discurso disponível, em vídeo, na plataforma de vídeos, Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=m6hMiuq4nYI>>.

³⁴ Shira Banki, de 16 anos, foi uma das seis pessoas esfaqueadas pelo judeu ultra-ortodoxo Yishai Schlissel durante a Parada do Orgulho LGBT+ de Jerusalém, em 30 de julho de 2015. Shira Banki não morreu no local, tendo sido hospitalizada e morrido alguns dias depois, em 02 de agosto de 2015. É interessante destacar que o assassino já havia sido preso por ter esfaqueado três outras pessoas durante a Parada de 2005. Fontes: <<https://www.haaretz.com/6-stabbed-at-jerusalem-gay-pride-parade-1.5381368>>; <<https://www.haaretz.com/teen-stabbed-in-j-lem-pride-parade-dies-1.5382156>>.

assassino de Shira era um homem judeu, deixando claro apenas que a jovem fora assassinada por um “extremista”, deixando em aberto o tipo de extremismo em específico. O primeiro ministro reconhece, entretanto, que certos elementos da sociedade israelense não estão prontos para tolerar a comunidade LGBT+.

This principle of equality is why 16 year old Shira Banki marched in the parade last year, and it's why thousands of you are marching today. Shira was murdered by an extremist filled with hate and this hatred has no place whatsoever in Israeli society, we will fight against it. Sadly, some elements of our society are still not ready to accept the LGBT community.

Novamente, fica evidente que Netanyahu constrói, em diversos discursos, que Israel é o único país tolerante e pró-LGBT+ da região, enquanto que os países vizinhos são intolerantes e agressivos.

Já em setembro do mesmo ano, Netanyahu profere um discurso na 71ª Assembléia Geral da ONU, em que afirma que Israel possui um ótimo futuro na organização, mas que a mesma impossibilita isso. A exemplo disso, Netanyahu afirma que no ano anterior, a ONU aprovou vinte resoluções contra o Estado de Israel e apenas três contra todos os outros países do globo. Além disso, Netanyahu trás diversos dados favoráveis ao Estado de Israel, como o fato de possuir relações com cerca de 160 países do globo, que sua economia desenvolveu-se rapidamente desde a criação do Estado de Israel e que conseguiu firmar relações pacíficas inclusive com países árabes, que possuíam um passado conflituoso. Essa afirmação pode ser caracterizada como uma expressão de valores democráticos, como o perfil pacifista de firmar relações com diversos Estados do mundo. Além disso, reforça que tanto Israel quanto diversos outros países árabes possuem inimigos em comum: o Irã e o ISIS. Ademais, reforça, novamente, que as metas em comum desses países são a segurança, prosperidade e paz, mais uma vez, características atreladas ao modelo democrático.

What I'm about to say is going to shock you: Israel has a bright future at the UN. Now I know that hearing that from me must surely come as a surprise, because year after year I've stood at this very podium and slammed the UN for its obsessive bias against Israel. And the UN deserved every scathing word – for the disgrace of the General Assembly that last year passed 20 resolutions against the democratic State of Israel and a grand total of three resolutions against all the other countries on the planet. (...) Today Israel has diplomatic relations with over 160 countries. That's nearly double the number that we had when I served here as Israel's ambassador some 30 years ago. And those ties are getting broader and deeper every day. World leaders increasingly appreciate that Israel is a powerful country with one of the best intelligence services on earth. Because of our unmatched experience and proven capabilities in fighting terrorism, many of your governments seek our help in keeping your countries safe. (...) But now I'm going to surprise you even more. You see, the biggest change in attitudes towards Israel is taking place elsewhere. It's taking place in the Arab world. Our peace treaties with Egypt and Jordan continue to be anchors of stability in the volatile Middle East. But I have to tell you this: For the first time in my lifetime, many other states in the region recognize that Israel is not their enemy. They recognize that Israel is their ally. Our common enemies are Iran and ISIS. Our common goals are security, prosperity and peace.

Além disso, Netanyahu afirma que as resoluções contra Israel não são lógicas, visto que enquanto centenas de mulheres estão sendo estupradas, assassinadas e escravizadas ao redor do mundo, o único país que a Comissão da ONU sobre a Situação das Mulheres escolheu condenar foi o Estado de Israel, quando na realidade, de acordo com o Primeiro Ministro, o Estado possui um perfil liberal, pois possui oportunidades igualitárias, independente do gênero dos indivíduos, mencionando que, em Israel, mulheres pilotam jatos de combate, lideram grandes corporações, universidades e já presidiram duas vezes a Corte de Justiça.

As women are being systematically raped, murdered, sold into slavery across the world, which is the only country that the UN's Commission on Women chose to condemn this year? Yep, you guessed it – Israel. Israel. Israel where women fly fighter jets, lead major corporations, head universities, preside – twice – over the Supreme Court, and have served as Speaker of the Knesset and Prime Minister.

Dessa forma, o Primeiro Ministro menciona algumas medidas que tornam essas condenações contra Israel ilógicas, como o auxílio de sírios feridos, o fato do país possuir Paradas do orgulho LGBT+ e o fato de LGBTs servirem no parlamento - inclusive no seu próprio partido, o Likud -, enquanto Irã enforca homossexuais e o fato do conhecimento agrícola israelense ser capaz de auxiliar as pessoas que morrem de fome na Coreia do Norte,

Are the half million slaughtered Syrians helped by your condemnation of Israel? The same Israel that has treated thousands of injured Syrians in our hospitals, including a field hospital that I built right along the Golan Heights border with Syria. Are the gays hanging from cranes in Iran helped by your denigration of Israel? That same Israel where gays march proudly in our streets and serve in our parliament, including I'm proud to say in my own Likud party. Are the starving children in North Korea's brutal tyranny, are they helped by your demonization of Israel? Israel, whose agricultural knowhow is feeding the hungry throughout the developing world? The sooner the UN's obsession with Israel ends, the better. The better for Israel, the better for your countries, the better for the UN itself.

Em outra fala, no mesmo discurso, Netanyahu afirma que Israel procura não só a paz, reforçando que o grande inimigo dos israelenses é o Estado Islâmico, mas reforçando o fator que Israel busca a paz para todos, seja cristãos, judeus, mulheres, gays, Yazidis ou curdos.

While Israel seeks peace with all our neighbors, we also know that peace has no greater enemy than the forces of militant Islam. The bloody trail of this fanaticism runs through all the continents represented here. It runs through Paris and Nice, Brussels and Baghdad, Tel Aviv and Jerusalem, Minnesota and New York, from Sydney to San Bernardino. So many have suffered its savagery: Christian and Jews, women and gays, Yazidis and Kurds and many, many others.

Dessa forma, fica explícito, nas falas do Primeiro Ministro, como o Estado de Israel é desenhado como sendo, não apenas um, mas o único Estado democrático, liberal, cosmopolita, fácil de firmar negociações, pró-LGBT+ - em uma região homofóbica - liberal e

com medidas que possibilitam uma participação ativa independentemente do gênero ou orientação sexual. Portanto, de acordo com Netanyahu, as resoluções contra o Estado de Israel não são fundamentadas e são ilógicas, não considerando as diversas investidas e ataques contra os palestinos feitos por Israel.

Em 2017, durante um discurso na Assembléia Geral da ONU, o Primeiro Ministro, Benjamin Netanyahu reforça seu posicionamento contra o governo iraniano, ao defender que os iranianos não são os inimigos de Israel e que os próprios sofrem com o governo no poder. Enfatizando o fato, mais uma vez, de que homossexuais são enforcados, jornalistas são presos, prisioneiros políticos são torturados e mulheres inocentes são baleadas, como no recorte a seguir

But I also have a message today for the people of Iran: You are not our enemy. You are our friends. (Farsi: Shoma duste ma hesteed.) One day, my Iranian friends, you will be free from the evil regime that terrorizes you, hangs gays, jails journalists, tortures political prisoners and shoots innocent women like Neda Soltan, leaving her choking on her own blood on the streets of Tehran. I have not forgotten Neda. I'm sure you haven't, too. And so, the people of Iran, when your day of liberation finally comes, the friendship between our two ancient peoples will surely flourish once again.

Portanto, é possível relacionar essa defesa de ideais democráticos pelo Primeiro Ministro, em ambos os discursos, com a luta contra regimes ditatoriais com uma construção de imagens, de acordo com a perspectiva pós-estruturalista, do “eu” e do “outro”. Dentro dessa ótica, o Estado de Israel representa o “eu”, que é carregado de características positivas, como democracia, a busca pela paz, prosperidade e a defesa da causa LGBT+, enquanto que o governo do Irã representa o “outro”, aquele que deve ser combatido e exterminado, carregado de características negativas, como fato de enforcarem homossexuais, prender jornalistas e torturar a população civil.

No mesmo ano, Ron Dermer, Embaixador de Israel nos Estados Unidos, proferiu um discurso³⁵ na segunda edição do evento anual, Annual Pride Reception, na Embaixada de Israel nos Estados Unidos, em que expõe as diversas medidas pró-LGBT+ adotadas pelo Estado de Israel ao longo de seus setenta anos de história, reforçando o discurso de que Israel representa uma força - a única na verdade - progressista no Oriente Médio. Além disso, explicita alguns exemplos que reforçam esse discurso, como

³⁵ Discurso transcrito e disponível na página oficial do Facebook, de Ron Dermer: <https://www.facebook.com/ambdermer/posts/my-speech-yesterday-at-the-embassys-second-annual-pride-receptioni-want-to-welco/2290651211160551/>.

Israel is a force for progressive values in the Middle East. In fact, Israel is the only force for progressive values in the Middle East. You see those values in Israel's courts when our Chief Justice dons her robes and you see it when an Arab judge sentences a former Israeli President to prison. You see it in Israel's Parliament everyday when over a dozen Arab members of the Knesset are free both to criticize the government from the Knesset podium and to pray in the Knesset Mosque. And you see it in Israel's society when a Muslim can proudly give her valedictorian address at one of Israel's finest university and when a pride parade marches 200,000 strong.

Além disso, questiona como seria o Oriente Médio sem Israel, como seria a região sem o único Estado com medidas favoráveis à comunidade LGBTQ+ e às mulheres, reforça também o discurso também defendido por Netanyahu, de que enquanto pessoas LGBTQ+ celebram suas orientações sexuais e identidades de gênero em Israel, gays são enforcados nos países vizinhos, como fica evidente na passagem a seguir:

But to appreciate just how absurd the progressive case against Israel is, just imagine a Middle East without an Israel. Imagine what it would mean for gay rights, for women's rights, and for minority rights if the one country in the Middle East where the LGBTQ community can live without fear, where women can serve in any office and where the rights of minorities are enshrined in laws and protected by courts suddenly disappeared. After all, we live in a region where women are routinely treated like chattel, where gays are hanged in town squares and where communities of Copts, Yazidis and other minorities are being decimated. Now imagine a Middle East with three Israels. Imagine what that would do for the rights and values that progressives are supposed to champion. Imagine a Middle East where it is as easy for the LGBTQ community to march in Tehran as it is in Tel Aviv.

Ainda no mesmo discurso, Dermer expõe a famosa crítica ao Estado de Israel, de que o Estado perpetua uma política de apartheid. Apesar de que o embaixador afirmar que tal política é falsa, ele não consegue justificar isso e não expõe nenhum contra-argumento, como fica evidente na passagem:

Israel is demonized as an apartheid state, falsely accused of perpetrating genocide, and cast as an evil force that must be wiped out. The fact that this argument is so false does not make it any less potent. After all, we live at a time when Mark Twain's famous statement that a lie can make it half-way around the world before the truth can get its boots on is literally true. Now this is not the time or place to get in to all the reasons why this argument is so absurd, from the unique security challenges Israel faces to our willingness time after time to forge an historic peace with our Palestinian neighbors.

Dermer termina seu discurso, exposto pontos já explicitados nos diferentes discursos de Netanyahu, de que Israel representa uma democracia, que defende liberdades, que opõe-se a medidas que estimulem o medo e que Israel é uma grande força para o bem, lutando não apenas em um ano ou apenas para a causa LGBTQ+, mas para sempre e para a garantia de todos os direitos. Dermer finaliza defendendo um dever de Israel para com o bem de toda humanidade. Nota-se que tal passagem assemelha-se aos ideais defendidos, e utilizados como justificativa para suas invasões internacionais, pelos Estados Unidos.

I am not here to tell you that Israel is perfect. It's not. I am not here to tell you Israel should be above criticism. It shouldn't be. Like every democratic country, Israel can

and must do better. Rather, I am here to ask you to never lose sight of the profound moral difference between a free society and a fear society. I am here to ask you to never let the perfect be the enemy of the good. And to always remember that despite all its imperfections, Israel is a great force for good. Not just on LGBT rights but on all rights. On all the things that are most important if we are to live in a world of decency, compassion and hope. That is why we must continue to stand together. Rest assured, Israel will continue to stand with you. Not once a year. Not only after a horrific attack. But each and every day, Israel will stand with you. Israel will stand with you to warn the world about those noxious fumes that threaten both of us. And Israel will stand with you against those who seek a world in which there is no place for either of us. We will stand with you for our sake, for your sake and for humanity's sake.

Dessa forma, mais uma vez, o discurso se repete: Israel como sendo o único país democrático e progressista do Oriente Médio, aquele responsável por salvar e garantir a segurança de todos aqueles que são perseguidos pelos países vizinhos, mais especificamente pessoas LGBT+ e mulheres. O que fica evidente é que o “outro”, a contraparte ao perfil democrático e progressista de Israel, varia de acordo com a situação, podendo ser o regime autoritário que rege o Irã, o Estado Islâmico ou qualquer organização terrorista em seu modo mais abrangente.

Para finalizar esse tópico, é válido expor o discurso³⁶ do Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Ron Dermer, proferido em junho de 2018 na terceira edição do evento “Annual Pride Reception” sediado na Embaixada de Israel nos Estados Unidos. Dermer inicia seu discurso agradecendo a presença de todos os presentes, inclusive dos representantes oficiais de treze diferentes países que marcaram presença no evento. Logo a seguir, o embaixador afirma que é de extrema importância que o Estado de Israel e a comunidade LGBT+ se posicionem conjuntamente em defesa das sociedades livres e que devem insistir na igualdade e dignidade para todos. Mais uma vez, fica explícito a defesa de ideais democráticos pelo Estado de Israel.

I also want to welcome you to the Third Annual Pride Event at the Israeli Embassy. (...) I also want to welcome the ambassadors and diplomatic representatives of thirteen countries who are here at tonight. (...) It's so important that for Israel and the LGBT community to stand together, to defend free societies and to insist on equality and dignity for all.

Dermer completa a passagem acima expondo que no Oriente Médio, mulheres são tratadas como cidadãos de segunda classe, minorias são perseguidas e gays são enforcados em praças públicas, enquanto que Israel posiciona-se como um “farol” da liberdade, compaixão e esperança, possibilitando que mulheres e pessoas LGBT+ assumam cargos de relevância, mencionando o fato de Amir Ohana, um político assumidamente gay, como exposto acima,

³⁶ Discurso completo disponível em vídeo, em inglês, na página oficial do Facebook da Embaixada de Israel nos EUA: <<https://www.facebook.com/IsraelinUSA/videos/1818076794905242/>>.

assumir uma vaga no Knesset e o fato de que um oficial gay das Forças de Defesa de Israel (FDI) ter sido promovido ao nível de Major General.

(...) In a region of the world where women are treated as second class citizens, where are minorities are systematically persecuted and where gays are hanged in public squares, Israel stands out as a beacon of freedom, compassion and hope. You see the light of that beacon when a woman climbs into the cockpit of an XF16; or when she presides as chief of justice of Israel Supreme Court. You see that light when a gay member of the ruling Likud Party speaks from the podium of our Knesset; or when a gay officer in IDF is promoted to the rank of Major General.

O embaixador prossegue seu discurso afirmando que seu argumento não é e nunca foi que Israel é um Estado perfeito e que tem muito caminho a frente, mas reconhece que as imperfeições de Israel são comuns às sociedades liberais. Dessa forma, apesar de Dermer reconhecer que há de fato imperfeições no Estado de Israel, tais imperfeições não são tão absurdas visto que são comuns à países liberais e democráticos. Reforça ainda que mesmo com imperfeições e infrações de direitos humanos, uma sociedade liberal é melhor do que uma “sociedade do medo”. Nessa ótica, Dermer claramente coloca Israel e os países caracterizados como não-liberais em uma dicotomia, em que a identidade de Israel é sobreposta à identidade desses outros países, como ocorre no processo de diferenciação exposto por Hansen (2006).

(...) Ladies and gentlemen, my argument was not and is not that Israel is perfect, Israel like all democracies still has a long way to go. (...) I firmly believe that we should all always diligently to address to many imperfections that exist in free societies, but keeping clear that profound moral difference between free societies and fear societies is no us important to distrouble for LGBT rights and for all human rights. (...) The worst day of human rights violations in a free society is better than the best day for human rights in a fear society.

Por fim, Dermer levanta outro ponto aqui já explicitado: sua inconformidade para com o fato de Israel ter sido o país que mais recebeu resoluções, entrando em concordância com o discurso de Benjamin Netanyahu na 71ª Assembléia Geral da ONU, em 2016. Dermer complementa que Israel foi o país a mais receber resoluções e não a Coréia do Norte, Irã, Síria, Venezuela ou Cuba. Nesse aspecto, Dermer caracteriza esses países como aqueles que deveria ter recebido mais resoluções no lugar de Israel.

The Human Rights Council is an organization that sounds good in name, but unfortunately has been terrible indeed. (...) Over half of the country-specific resolutions are directed against Israel, more than all countries in the world combined. In fact, the only permanent country specific item in the Council's agenda is directed against Israel, not North Korea, not Iran, not Syria, not Venezuela, not Cuba, Israel!

Diante do exposto, nota-se, nos diversos discursos dos representantes oficiais do Estado de Israel aqui expostos, que há uma concordância entre eles, visto que em todos os discursos esses indivíduos reproduziram questões parecidas, como: destacar o regime iraniano como uma ameaça para o Estado de Israel; o Estado de Israel como sendo o único Estado progressista e democrático na região; a luta contra o terrorismo, e; o fato de que as pessoas

LGBT+ representam uma população completamente integrada na sociedade israelense, gozando de seus plenos direitos.

Por conseguinte, é possível concluir que os representantes oficiais de Israel reforçam e legitimam um discurso que tem sido repetidamente criticado pelos ativistas anti-pinkwashing, que seria a construção da imagem de Israel em contraposição aos Estados árabes. Entretanto, é necessário reforçar que apesar dos representantes oficiais do Estado de Israel mencionarem o Irã, Síria e o ISIS em seus discursos, o verdadeiro foco são os palestinos, visto que o verdadeiro intuito de Israel, em utilizar o pinkwashing, é cobrir as atenções voltadas para as repetitivas ocupações feitas nos Territórios Palestinos Ocupados. Assim, o Estado de Israel não utiliza-se do termo “palestinos”, referindo-se a eles como “árabes”, não reconhecendo sua identidade e, automaticamente, não reconhecendo a existência de um Estado palestino.

Nesse processo de construção de imagens, diversas características aparecem, ao longo dos discursos, vinculadas à Israel, como: civilizado, desenvolvido, estável, democrático, liberal, pró-LGBT, progressista e defensor das liberdades, da paz, da compaixão e da esperança. Em contrapartida, certas características são atribuídos aos árabes e palestinos, como: intolerantes, fundamentalistas, violentos, bárbaros, primitivos, tiranos, odiosos, instáveis e homofóbicos. Seguindo essa lógica, de assimilar características positivas ao Estado de Israel e características negativas aos seus vizinhos árabes e palestinos, as características podem ser sobrepostas, na mesma lógica do esquema de diferenciação de Hansen (2006), de modo que o Estado de Israel ocupa a posição de superioridade em relação aos árabes. Dessa forma, é possível concluir que o pinkwashing não se restringe apenas à eventos e pautas favoráveis à comunidade LGBT+, mas também nos discursos de indivíduos com alto poder de influência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto, o objetivo central deste trabalho foi fazer uma análise crítica dos discursos dos representantes oficiais de Israel, mais precisamente, do Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu, do Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Ron Dermer e do Parlamentar Amir Ohana, de modo que seja encontrado em seus discursos essa construção de imagens do Estado de Israel e dos árabes e palestinos. Além disso, foi escolhido o marco temporal de 2009 a 2018, visto que em 2009, Israel expande a sua campanha Brand Israel - lançada em 2005 com o propósito de ressignificar a imagem do país no Ocidente - para a comunidade LGBT+, através do lançamento de uma conferência em Tel Aviv para promover a cidade como sendo um relevante destino do turismo LGBT+ internacional. Enquanto que o fim, 2018, é o ano em que este trabalho foi elaborado e o último discurso, que se adequa ao objetivo deste trabalho, foi encontrado.

Assim, o trabalho, no primeiro momento, apresentou uma breve exposição do que compreende-se como teorias pós-positivistas, as principais características em comum dessas abordagens e como elas se distinguem das abordagens positivistas. Assim, essa exposição inicial foi necessária para chegar no próximo subtópico que explicita o que é o pós-estruturalismo e suas principais características. Segundo George (1994), a principal peculiaridade das abordagens pós-estruturalistas é o fato de ler o mundo social como um texto. Segundo o autor, as tarefas críticas são explicitar a conexão intrínseca existente entre os processos textuais e sociais e retratar, em contextos específicos, como essa conexão implica na maneira de pensar e agir dos indivíduos no mundo contemporâneo. Desta forma, o pós-estruturalismo foca na análise contemporânea sobre o conexão entre poder e conhecimento e, também, sobre teoria como prática. Assim sendo, o pós-estruturalismo busca reformular questões básicas da compreensão modernista ao ter como foco não o sujeito soberano (por exemplo, o Estado independente) ou o objeto (por exemplo, mundo/texto independente), mas as práticas históricas, culturais e linguísticas nas quais ocorrem a construção de sujeitos e objetos (GEORGE, 1994, p. 191-192).

Dessa forma, o pós-estruturalismo foi escolhido pois permite uma compreensão da realidade que incorpora outros fatores não levados em consideração, ou levados em consideração de maneira supérflua, pelas abordagens positivistas. Entre esses fatores está o discurso, de modo que os discursos estão inseridos em uma dinâmica de poder, visto que o sujeito ou ator caracterizado como poderoso ou relevante, possui a capacidade de caracterizar um conceito, dizer o que é importante ou não ou até mesmo como devemos nos posicionar diante de alguma problemática.

Dentro dessa ótica, quem pronuncia determinados discursos, onde e o que está em jogo nesses discursos é de extrema relevância. Dessa maneira, de acordo com o que aqui foi abordado, o que os representantes oficiais de um Estado, indivíduos com uma grande capacidade de influência, expõem em seus discursos podem causar diversas consequências, entre elas, a construção e fortalecimento da imagem do Estado que esse indivíduo representa ou até mesmo como os inimigos desse Estado passam a ser representados e combatidos.

Ademais, a relevância do pós-estruturalismo para este trabalho está, também, no fato de permitir a inserção e o estudo de temáticas pouco comuns nas Relações Internacionais, como o pinkwashing. O pinkwashing diz respeito à um conjunto de mecanismos e ações promovidos pelo Estado de Israel, com o intuito de fomentar uma imagem do Estado como sendo pró-LGBT+, na verdade o único do Oriente Médio. Dessa forma, ao transmitir esse perfil tolerante e inclusivo para com a comunidade LGBT+, o Estado de Israel acaba reforçando uma imagem do Estado como sendo cosmopolita, desenvolvido e democrático. Neste contexto, nota-se que o pinkwashing utilizado por Israel não se limita às ações, eventos e medidas favoráveis à comunidade LGBT+, mas também encontra-se presente nos discursos de representantes oficiais do Estado, visto que em diversas situações, buscaram acrescentar, de alguma forma, a pauta LGBT+, com o intuito de reforçar o perfil tolerante e pluralista do Estado.

Contudo, é necessário destacar que o presente trabalho a existência de LGBTfobia e medidas punitivas para com a comunidade LGBT+ nos TPO, entretanto, reconhece também que tais medidas não caracterizam os palestinos como bárbaros e atrasados, sendo esta uma visão essencializada por Israel. Ademais, nota-se que a maior opressão sofrida pelo povo palestino, em geral, é proveniente do Estado de Israel, de modo que o mesmo utiliza-se do pinkwashing para lavar esse perfil opressor e expor a LGBTfobia que ocorre nos TPO para desenhar a imagem dos palestinos com características negativas e justificar a opressão e ocupação nos TPO.

Diante do exposto, o que os representantes oficiais do Estado de Israel expõem em seus discursos sobre o povo árabe e palestino podem ter impactos diversos. Como já analisado na terceira seção deste trabalho, em diversas situações fica visível nos discursos dos representantes oficiais de Israel, como Israel é construído com uma imagem de ser o único Estado democrático do Oriente Médio, além de reforçar certas características positivas, como ser cosmopolita, desenvolvido, moderno, pluralista, tolerante e, de maior relevância para este trabalho, pró-LGBT+. Nota-se que nos diversos discursos aqui expostos, principalmente os do Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu, há uma preocupação em expor medidas violentas e

caracterizadas como não democráticas adotadas pelo povo árabe, mais especificamente as medidas anti-LGBTs adotadas no Irã, Síria e pelo ISIS, enquanto que nos mesmos discursos há uma exposição de medidas pró-LGBTs adotadas em Israel, como a existência de Paradas de Orgulho LGBTQ+, a possibilidade de existir políticos LGBTQs, como o Parlamentar Amir Ohana, e o fato de Tel Aviv ser uma cidade com um grande fluxo de turismo LGBTQ+.

A problemática está no fato de que esses representantes não só desenharam Israel com atributos positivos, mas também desenharam os árabes e palestinos com atributos negativos, como não desenvolvidos, não democráticos, bárbaros, atrasados, violentos e LGBTQfóbicos. Ademais, nota-se ainda que em nenhum momento os representantes oficiais do Estado de Israel utilizam-se do termo “palestinos”, sempre caracterizando-os como “árabes”. Dessa maneira, ao caracterizar os palestinos como “árabes”, o Estado de Israel reforça sua dinâmica de poder, não reconhecendo a identidade palestina e, automaticamente, a existência de um Estado palestino. Assim, apesar de nos discursos não aparecer o termo “palestinos”, são eles o principal alvo desses discursos, pois o pinkwashing adotado por Israel tem como intuito direcionar a atenção do Sistema Internacional para seu perfil pró-LGBT+ e democrático enquanto que tira o foco das diversas ocupações, feitas nos Territórios Palestinos Ocupados.

Em suma, o que fica evidente nos discursos aqui expostos é que o pinkwashing adotado pelo Estado de Israel não só fica limitado às medidas e ações favoráveis à comunidade LGBTQ+, mas também ficam evidentes nos discursos dos representantes oficiais de Israel. Dessa forma concluo que, esta pesquisa apresenta que o pinkwashing é uma importante ferramenta, para Israel, para continuar seu processo de ocupação dos Territórios Palestinos Ocupados e o seu uso só terá um fim, provavelmente, quando os palestinos terem seu direito a um Estado reconhecido, ou em um cenário mais fatídico, não houver mais chance alguma da existência de um Estado palestino. Assim sendo, apesar de que Israel utiliza-se desse mecanismo para desenhar sua imagem com atributos positivos e dos árabes e palestinos com atributos negativos, a comunidade LGBTQ+, tanto do Oriente Médio quanto de diferentes partes do mundo, devem continuar posicionando-se contrárias a esse mecanismo, visto que a luta anti-pinkwashing não diz respeito apenas aos direitos LGBTQ+, mas também à liberação e desocupação dos Territórios Palestinos Ocupados.

É importante ressaltar ainda que este trabalho não tem intenção de acabar com todas as possibilidades de análise sobre a temática aqui trabalhada, visto que, de acordo com as abordagens pós-estruturalistas, um mesmo tema pode ser analisado de diferentes formas, variando de acordo com o autor que o analisa, o contexto que está inserido e os seus objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ABUSALIM, Dorgham. **The Real Oppressors of Gaza's Gay Community: Hamas or Israel?** Haaretz, 2018. Disponível em? <<https://www.haaretz.com/opinion/.premium-who-are-the-real-oppressors-of-gaza-s-gay-community-hamas-or-israel-1.5885509>>.

ALCÂNTARA, Brunna Fernandes de. **A CRIAÇÃO DO ESTADO PALESTINO E A ALEGADA AMEAÇA AO ESTADO DE ISRAEL: uma análise póspositivista dos discursos do ex-primeiro-ministro israelense Ariel Sharon.** Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais)- Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/14668/1/PDF%20-%20Brunna%20Fernandes%20de%20Alc%20A%20C3%A2ntara.pdf>>. Acesso em 30 de agosto de 2018.

ALVES, Ana Cristina Araujo. **Contos sobre Ruanda: uma análise crítica das narrativas sobre o genocídio ruandês.** Dissertação de Mestrado- Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1994, p. 23- 63. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=20343>>. Acesso em 05 de agosto de 2018

AMERICAN RHETORIC. **Binyamin Netanyahu- Second Speech to a Joint Session of Congress.** Washington, 2011. Disponível em: <<https://www.americanrhetoric.com/speeches/benjaminnetanyahujointsession2011.htm>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

AVERY, Dan. **Israeli Ambassador, Equality Forum Speaker Michael Oren Plays For Both Teams.** 2012. Disponível em: <<https://www.queerty.com/israeli-ambassador-equality-forum-speaker-michael-oren-plays-for-both-teams-20120508>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

BARROS, Mariana de Oliveira. **Pós-positivismo em Relações Internacionais: contribuições em torno da problemática da identidade.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)- Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17448#preview-link0>>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

BELMONT, Flávia. **A resistência à ocupação também é colorida: o pinkwashing israelense como tentativa de estigmatização da população palestina.** Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais)- Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1492/1/FB261016.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

BREAST CANCER CONSORTIUM. **Think Before You Pink.** 2017. Disponível em: <<http://breastcancerconsortium.net/resources/topics/pinkwashing/>>. Acesso em: 06 de agosto de 2018.

CAMPBELL, David. **Poststructuralism.** In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. *International Relations Theories: Discipline and Diversity.* Oxford: Oxford University Press, 3ª edição, 2013. cap. 12, p. 223- 246.

CAMPBELL, David. **Writing security: United States Foreign Policy and the politics of identity**. University of Minnesota Press. Minneapolis. 1992.

DANTAS, Aline Chiana; LEITE, Alexandre César Cunha. **A análise de discurso como abordagem metodológica nas Relações Internacionais: a influência do Discurso de Segurança Humana na Política Externa Japonesa**. Carta Internacional, Vol. 10, n. 2, 2015 [p. 163 a 180]. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/161/252>>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

DEVETAK, Richard. Postmodernism. In: BURCHILL, Scott et al. **Theories of International Relations**. 3ª. ed. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2005. cap. 6, p. 137-160.

DEVETAK, Richard. Critical Theory. In: BURCHILL, Scott et al. **Theories of International Relations**. 3ª. ed. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2005. cap. 7, p. 161-187.

EQUALITY FORUM. **Featured Nation: Israel**. 2012. Disponível em: <<https://equalityforum.com/featured-nation-israel>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

ELLISON, Joy. **Recycled rhetoric: brand Israel “pinkwashing” in historical context**. College of Liberal Arts and Social Science Theses and Dissertations, 149. 2013. Disponível em: <<http://via.library.depaul.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1151&context=etd>>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

FLORENCIO, Felipe. **Pós-Estruturalismo e Neorrealismo: Críticas e perspectivas nas Relações Internacionais**. Conjuntura Global, Vol. 4, n. 2, maio/ago., 2015, p. 262-273. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/conjunturaglobal/files/2016/02/12-P%C3%B3s-Estruturalismo-e-Neorrealismo-Cr%C3%ADticas-e-perspectivas-nas-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais.pdf>>. Acesso em: 05 de agosto de 2018.

GEORGE, Jim. **Thinking Beyond International Relations: Postmodernism-Reconceptualizing Theory as Practice**. In: Discourses of Global Politics: A Critical Re(Introduction) to International Relations. Lynne Rienner Publishers, Boulder, Colorado, 1994.

HAARETZ. **FULL TEXT: Netanyahu's Address to UN General Assembly**. 2017. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/israel-news/full-text-netanyahu-s-address-to-un-general-assembly-1.5452301>>. Acesso em: 03 de setembro de 2018.

HAARETZ. **Prime Minister Benjamin Netanyahu's Speech to the UN General Assembly**. 2009. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/1.5397187>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

HANSEN, Lene. **Security as practice: Discourse Analysis and the Bosnian War**. Routledge, Londres, 2006.

HARTAL, Gilly. **Gay tourism to Tel-Aviv: producing urban value?** Urban Studies, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/36273940/Gay_tourism_to_Tel-Aviv_Producing_urban_value?auto=download>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

ITABORAHY, Lucas Paoli. **Homofobia do Estado: Uma pesquisa mundial sobre legislações que criminalizam relações sexuais consensuais entre adultos do mesmo sexo**. Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos, 2012. Disponível em: <https://rets.org.br/sites/default/files/ILGA_Homofobia_do_Estado_2012.pdf>.

KAMA, Amit. **Parading Proudly into the Mainstream: Gay & Lesbian Immersion in the Civil Core**. In G. Ben-Porat & B. Turner (Eds.). The Contradictions of Israeli Citizenship:

Land, Religion and State (pp. 180-202). Abdingdon: Routledge. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Amit_Kama/publication/276280187_Parading_Pridefully_into_the_Mainstream_Gay_Lesbian_Immersion_in_the_Civil_Core/links/56921ebb08aec14fa55c7509/Parading-Pridefully-into-the-Mainstream-Gay-Lesbian-Immersion-in-the-Civil-Core.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2018.

KURKI, Milja & WIGHT, Collin. **International Relations and Social Science**. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. *International Relations Theories: Discipline and Diversity*. Oxford: Oxford University Press, 3ª edição, 2013. cap. 1, p. 14-35.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **O discurso como objeto de estudo e instrumento metodológico nas Relações Internacionais**. Revista Monções: Vol. 1 n. 1 – UFGD – Jan/Jun 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/1630>>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

MENDES, Cristiano Garcia. **A construção do conceito de terrorismo: análise dos discursos do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair**. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1950>>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**. Cap 4. p. 113-165. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <http://www.fernandamussalim.com.br/wp-content/uploads/2015/01/capitulo_analise_do_discurso.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2018.

OXFORD LIVING DICTIONAIRES. **Greenwash**. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/greenwash>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

PALESTINIAN QUEERS FOR BDS. **About**. 2018. Disponível em: <<https://pqbds.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

PAGOTTO, Érico Luciano. **Greenwashing: os conflitos éticos das propagandas ambientais**. Dissertação (Mestrado em Ciências)- Programa de Pós Graduação em Mudança Social e Participação Política, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-22072013-141652/publico/DissertacaoFinal.pdf>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

PINKWATCHING ISRAEL. **Pinkwashing Kit**. 2012. Disponível em: <<http://www.pinkwatchingisrael.com/portfolio/pinkwashing-kit/>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.

PUAR, Jasbir. **Citation and Censorship: The Politics of Talking About the Sexual Politics of Israel**. *Feminist Legal Studies*, 2011. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.476.1221&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

PUAR, Jasbir. **Rethinking Homonationalism**. *International Journal of Middle East Studies*, 2013. Disponível em: <http://sites.middlebury.edu/sexandsociety/files/2015/01/Puar_Rethinking-Homonationalism.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

PUAR, Jasbir & MIKDASHI, Maya. **Pinkwatching And Pinkwashing: Interpenetration and its Discontents**. 2012. Disponível em: <<http://www.jadaliyya.com/Details/26818/Pinkwatching-And-Pinkwashing-Interpenetration-and-its-Discontents>>. Acesso em: 06 de agosto de 2018.

RITCHIE, Jason. **Pinkwashing, Homonationalism, and Israel–Palestine: The Conceits of Queer Theory and the Politics of the Ordinary**. Antipode Foundation Ltd, vol 47, n° 3, pág. 616-634. 2014. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/anti.12100>>. Acesso em: 24 de abril de 2018.

SALEM, Sara. **Pinkwashing Palestine and the Middle Eastern uprisings**. International Center for Muslim and non-Muslim Understanding, University of South Australia. 2012. Disponível em: <<https://www.unisa.edu.au/Documents/EASS/MnM/commentaries/salem-pinkwashing.pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

SMITH, Steve. **Introduction: Diversity and Disciplinarity in International Relations Theory**. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. *International Relations Theories: Discipline and Diversity*. Oxford: Oxford University Press, 3ª edição, 2013. Introdução, p. 01-13.

SMITH, Steve. **Debates: Positivism and Beyond**. In: SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia. *International theory: positivism and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. P. 11-46.

THE TIMES OF ISRAEL. **Full text of Netanyahu’s speech at 2016 UN General Assembly**. 2016. Disponível em: <<https://www.timesofisrael.com/netanyahus-full-remarks-at-un-general-assembly/>>. Acesso em: 03 de setembro de 2018.

WIKE, Darin. **Pinkwashing: Cashing in on Breast Cancer**. 2012. Disponível em: <<https://systemdcreative.files.wordpress.com/2013/01/imc-363-commentary-paper-pinkwashing.pdf>>. Acesso em: 13 agosto de 2018.